

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA**

LUCIANA VALDONI VIEIRA FIORILLO

**O SUICÍDIO DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO
SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

CRICIUMA

2022

LUCIANA VALDONI VIEIRA FIORILLO

**O SUICÍDIO DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO
SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de psicólogo no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Professor Me. Maicol de Oliveira Brognoli.

CRICIUMA

2022

LUCIANA VALDONI VIEIRA FIORILLO

**O SUICÍDIO DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO
SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão do Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de Bacharelado no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em Saúde e Processos Psicossociais.

Criciúma, 25 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maicol de Oliveira Brognoli – Mestre – UNESC – Orientador

Prof.^a Denise Nuernberg – Especialista – UNESC

Prof.^a Laís Bordignon – Especialista – UNESC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a toda espiritualidade que me cerca. Espiritualidade essa que se entende como a força motriz que não nos permite desistir mediante os obstáculos que enfrentamos e que nos faz acreditar no potencial que carregamos dentro de nossas almas.

Agradeço a minha amada mãe, que aos seus 81 anos não poupou esforços para estar presente comigo em todo momento que precisei, dando suporte a minha filha que como criança que ainda é, necessita de atenção que a jornada acadêmica muitas vezes exige dividir e por vezes reduzir em alguns momentos. A ela também sou grata pelo apoio moral, pela serenidade, carinho e exemplo de tenacidade e força que me deu ao longo da minha existência.

Agradeço especialmente a minha prima Lízia, que foi a primeira pessoa a me incentivar a ingressar na Graduação de Psicologia e que incansavelmente, dia após dia, encontrava todas as formas possíveis de me fazer lembrar que esse era o meu dom e que por ser tão vivo dentro de mim, se constituía como minha missão de vida.

Agradeço ao meu esposo, que nunca hesitou em medir quaisquer esforços financeiros para arcar com todos os custos que a graduação requereu.

Agradeço a todas as pessoas com quem convivi durante meus estágios obrigatórios e que de forma empática, compreendiam os esforços movidos no final de cada semestre apoiando e repassando força para concluí-los (Geórgia, Gisele e Dhieine).

Agradeço ao meu professor orientador Maicol, que pacientemente me guiou nessa jornada com todo carinho e empenho possível para que eu pudesse dar o meu melhor.

E por fim, agradeço a todos os meus professores que diante de suas maestrias, me possibilitaram engendrar todo conhecimento que trago hoje na arte de ressignificar vivências.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”

Conheci através de Chico Xavier, mas a autoria é de James Schoolcraft Sherman

Meu muito Obrigado a Todos!

“O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência”.

(Albert Camus)

RESUMO

A pós-modernidade operou transformações marcantes no modo de viver da sociedade atual. A globalização, a Tecnologia e a revolução das comunicações são algumas das características mais determinantes para essa transformação. Ciente que na adolescência a interação com a sociedade da qual fazem parte, responde pela busca de novos modelos identificatórios e conseqüentemente exerce grande influência no desenvolvimento e na formação de sua identidade e subjetividade, se faz necessário entender o contexto sociocultural em que estão inseridos, para analisar mais profundamente o que leva os adolescentes a ceifar suas vidas de modo tão precoce. Mais de 700.000 pessoas morrem por ano devido ao suicídio, o que significa que uma em cada 100 mortes, é relativa ao suicídio. Entre jovens de 15 a 29 anos, o suicídio aparece como a quarta causa de morte mais recorrente. Para a Psicologia analítica o suicídio não deve ser apenas visto como uma saída da vida, mas de forma simbólica, uma entrada na alma. Entendendo o que a alma busca através das tentativas de suicídio pode ser um chamado a dar um novo significado à vida. Neste sentido, objetivou-se compreender os fatores que contribuem para o suicídio do adolescente na contemporaneidade sob a perspectiva da Psicologia Analítica. Ainda, este estudo metodologicamente utilizou da abordagem qualitativa, exploratória e explicativa, amparando-se em uma revisão bibliográfica da literatura. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e a análise de dados, percorreu determinados passos, em conjunto com a perspectiva teórica da Psicologia Analítica. Concluiu-se que o suicídio é um problema de saúde pública que somado a fase permeada de mudanças biopsicossociais da adolescência tem levado ao aumento dos seus índices nessa população. Os adolescentes são afetados pelos contextos a quais estão expostos, contudo, a Psicologia Analítica estende o convite ao conhecer-se a si mesmo, que quando encarado, trazendo luz e consciência a sombra, promove libertação. A representação simbólica e o arquétipo da morte precisam ser levados em conta para que se compreenda o que realmente precisa morrer e o que precisa renascer na vida do adolescente em sofrimento.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Suicídio; Adolescência; Psicologia Analítica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	TEMA	6
1.2	PROBLEMA	6
1.3	HIPÓTESE	7
1.4	OBJETIVOS	7
1.4.1	Objetivo Geral	7
1.4.2	Objetivos Específicos	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1	BREVE HISTÓRICO DO SUICÍDIO	8
2.2	CONCEITUANDO O SUICÍDIO: PORQUE FALAR DE SUICÍDIO?	11
2.3	A FORÇA DO MEIO: APRESENTANDO A SOCIEDADE PÓS-MODERNA	12
2.4	O SUICÍDIO NA VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	19
2.5	O SUICÍDIO, A ADOLESCÊNCIA E A SOMBRA	23
3	METODOLOGIA	29
3.1	TIPO DE PESQUISA	29
3.1.1	Revisão Bibliográfica	29
3.2	POPULAÇÃO/AMOSTRA	30
3.3	PROCESSOS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	30
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	31
3.5.1	Aspectos Éticos	31
3.5.2	Benefícios e Riscos	32
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1	O SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE	33
4.2	UMA VISÃO DO ADOLESCENTE NO CONTEXTO PÓS-MODERNO E FORMAS DE ADOECIMENTO	40
4.3	SUICÍDIO E PSICOLOGIA ANALÍTICA: UM OLHAR A PARTIR DE JAMES HILLMAN	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

É de reconhecimento da maior parte das abordagens da psicologia a força que o meio desenvolve na formação da subjetividade humana. Na psicologia analítica destaca-se que o processo de individuação do sujeito está intimamente relacionado com a interação social estabelecida, de forma que ao manter relações com o mundo social, este sujeito adquire as compreensões necessárias para moldá-lo e engendrar-lo tal como (MORIN, 2007 *apud* PENSO; SENA 2019). Deste modo, ao analisar o contexto sócio, econômico e cultural da atualidade dentro da pós-modernidade é perceptível as profundas mudanças que ocorreram em nossa sociedade. A globalização, a tecnologia e a revolução das comunicações nos apresentaram novos modos de viver.

Zygmunt Bauman (2015), consegue retratar com fidelidade e de forma muito pontual o *modus operandi* da pós-modernidade quando traz uma citação do filósofo Ralph Waldo Emerson: “Quando patinamos sobre o gelo fino, nossa segurança está na nossa velocidade”. Isso nos remete exatamente para a forma como a sociedade está vivendo na atualidade: acelerados, sem possibilidade de redução para não afundar, porque o chão (o meio) é fino, vulnerável, instável e inseguro. Luiz Fernando Pondé (2004), aponta que o mundo que se vive cobra tamanha agilidade, tamanha aceleração, tamanha leveza e ao mesmo tempo uma superficialidade, que qualquer “profundidade” pode colocar a vida em risco.

Albert Camus (1913-1960), filósofo nascido na Argélia e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1957, nos traz uma profunda reflexão quando nos diz que: “O cansaço está nos atos de uma vida mecânica, mas que inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência” (CAMUS, 1989, p. 13). Cada vez mais submetidos a utilização de máquinas, o humano, o contato, o pessoal vai sutilmente perdendo força e de forma acelerada o comportamento vai se automatizando sem ao menos nos permitir pensar para onde, para quê e por quê. Não há um olhar para nós mesmos!

Para a Psicologia Analítica não há forma de realização, de satisfação, de felicidade sem que possamos promover esse encontro conosco. Jung (2015, p. 33), fala em sua célebre frase: “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”, numa tentativa de nos mostrar que é a partir do momento que olhamos para o interno, para nossa essência, nosso self é que se torna possível romper com

as ilusões. Porém a humanidade não parece ter aberto espaço para fazermos a descoberta de nós mesmos.

Na última década, alertas como a crescente taxa de suicídio entre adolescentes chama a atenção como uma problemática de ordem mundial e de um grave quadro de saúde Pública. No mundo, o suicídio é a quarta maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos (WHO, 2020). No Brasil, a taxa de suicídio é de 6,4 para cada 100 mil habitantes entre indivíduos de 15 a 19 anos, e de 8,19 para cada 100 mil na faixa etária de 20 a 39 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Na Região Norte, o risco de suicídio na faixa etária de 15 a 19 anos é mais alto que a média nacional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Entre estudantes universitários, uma pesquisa nacional mostra que a ideação e o pensamento suicida cresceram 68,8% de 2010 para 2014, e 107,0% de 2014 para 2018, motivo pelo qual adolescentes e jovens são considerados grupo de risco (FONAPRACE, 2019).

Em face de tal contexto, se faz mister que se volte à atenção para o que tem ocasionado o aumento das taxas de suicídios em adolescentes. Que tipo de identidade, subjetividade ou personalidade estão sendo formadas e moldadas em um meio onde o cansaço pode estar sendo determinante para desistir do direito de viver.

1.1 TEMA

O Suicídio do adolescente na Contemporaneidade sob o enfoque da Psicologia Analítica.

1.2 PROBLEMA

Quais fatores têm contribuído para o fenômeno do suicídio do adolescente na contemporaneidade e como a Psicologia Analítica explica essa problemática?

1.3 HIPÓTESE

- O contexto econômico, social e cultural da Pós-modernidade tem promovido transformações determinantes no modo de viver e conseqüentemente no comportamento da sociedade e dos adolescentes.
- Os adolescentes que nasceram e se desenvolveram no período pós-moderno, tiveram suas identidades e subjetividades formadas e moldadas a partir desse contexto, o que pode vir a explicar a influência do meio nas crescentes taxas de suicídio nos últimos anos.
- Somado a fatores biopsicossociais, o modo de vida automatizado e virtualizado favorece o jovem a se voltar cada vez mais para o externo em detrimento do interno, promovendo constantes frustrações e vazios pela distância da sua essência, do seu self.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender os fatores que contribuem para o suicídio do adolescente na contemporaneidade sob a perspectiva da Psicologia Analítica.

1.4.2 Objetivos Específicos

- ✚ Analisar as características do contexto pós-moderno, sua influência na formação da identidade e subjetividade do adolescente e seu adoecimento;
- ✚ Investigar os fatores que contribuem para o aumento da taxa de suicídio entre adolescentes na contemporaneidade;
- ✚ Compreender quais os desafios que a contemporaneidade apresenta a psique humana e como a Psicologia Analítica encara o fenômeno do suicídio.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO DO SUICÍDIO

Etimologicamente a palavra suicídio deriva no latim moderno como *suicidium*, Sui (si mesmo) e *cidium* (associado ao verbo *caedere*, que representa a ação de matar, a ação de um assassinato) (CORREA; BARRERO, 2006).

Os primeiros registros da palavra suicídio apontam para o ano de 1642, na Inglaterra por intermédio do polímata (indivíduo que conhece muitas ciências) Thomas Browne, na obra *Religio Medici*. Posteriormente foi utilizada na França em 1734 pelo abade Desfontaines para designar “o assassinato ou morte a si mesmo” (NETO, M., 2007, p. 475).

O suicídio é um fenômeno complexo, presente na humanidade desde os primórdios e que traz consigo um peso sombrio por estar atribuído a morte, a finitude daquilo que se considera o bem mais precioso que um ser traz consigo, a vida. Ao longo da história foi visto e compreendido de diferentes formas, porém em um âmbito geral, como um ato extremamente condenável. Conforme Venco e Barreto (2010), discussões sobre a aceitação do suicídio são recorrentes em diferentes períodos e sociedades, e estão diretamente interligadas à cultura e à visão moral, dificultando um consenso.

Segundo Ribeiro (2004), na Grécia o suicídio era considerado um ato de razoável aceitação quando envolto a defesa da honra ou ainda ligado a um princípio religioso ou filosófico. Estoicos e Epicuristas acreditavam que todos tinham o direito de eleger os métodos e a hora de sua morte, muito embora grandes filósofos como Aristóteles e Pitágoras consideravam o suicídio como uma ação covarde e um ato contra o Estado, necessitando de uma justificativa aceitável a sociedade. Em Roma o suicídio também era aceitável mediante uma justificativa que deveria ser aprovada pelo senado, mas de modo geral era reprimido por ser visto como forma de enfraquecimento da sociedade, impedindo assim aos suicidas o direito de repassar seus bens aos seus herdeiros legais, além da negação ao sepultamento em lugares sagrados (RIBEIRO, 2004).

Na Idade Média com a ascensão do Cristianismo e demais religiões, o suicídio passou a ser veementemente condenado e combatido. A vida “era pertencente a Deus” e não caberia a nenhum cidadão o direito de ceifar sua própria vida. A Igreja Católica excomungou e negou ritos fúnebres aos suicidas, enquanto a

religião judaica não permitia que se professasse orações nem rituais aos que atentassem contra própria vida. No Islamismo o suicídio é considerado um crime mais grave que o homicídio, chegando a desonrar e marginalizar a família de um suicida (RIBEIRO, 2004).

O suicídio era praticamente demonizado por essas culturas, além de ser considerado por lei, um crime. Os corpos dos suicidas eram enterrados em locais afastados e isolados porque era presente a ideia que de estes exerciam influência maligna sobre os vivos.

Epiléticos, lunáticos e suicidas não eram lavados; pelo contrário, eram enterrados de bruços nas roupas que usavam quando morreram. Eram erguidos para o caixão com atizadores, nunca com as mãos nuas, já que se temia doenças e maldição pudessem pegar na família (JAMINSON, 2002, *apud* ARAÚJO; BICALHO, 2012, p. 11).

Em toda a Europa era perceptível o repúdio aos suicidas, sendo tratados em pé de igualdade com criminosos da pior estirpe. Na França os corpos dos suicidas eram arrastados pelas ruas até os pendurarem em forças, sendo descartados em lixeiras e esgotos. Na Alemanha os registros apontam que os corpos eram alocados em barris para que deslizando em rios, não pudessem mais retornar à sua cidade Natal. Comprovando essa conotação de crime, na Noruega os corpos de suicidas eram enterrados junto a criminosos na Floresta ou ainda como na Alemanha, jogados ao mar (RIBEIRO, 2004).

Minois (2018) ressalta a aversão ao suicídio na Idade Média, onde as crenças populares, a religião oficial e os poderes públicos partilham o mesmo horror diante de um ato cometido ao mesmo tempo contra a natureza, contra a sociedade e contra Deus.

Esse padrão de condenação ao ato suicida se prolongou até final do século XVII quando nos Estados Unidos e na Inglaterra, os atos de suicídio começaram a ser vistos e entendidos como um ato insano, ligados a problemas mentais. Minois (2018), reflete que o suicídio passa de um status condenatório da Idade Média para um status filosófico a partir do século XVIII.

É inconcebível então que uma pessoa de mente saudável possa considerar com frieza que a vida não vale a pena ser vivida. O simples fato de imaginá-lo, sem nenhum motivo particular, é, em si, um sintoma de loucura, de desequilíbrio mental, que começa a ser chamado de “melancolia” (MINOIS, 2018, p. 45)

Ribeiro (2004), pontua que o processo de não incriminação do suicídio ocorre por intermédio da Revolução Francesa que já exclui qualquer referência dessa

conduta no código penal francês de 1791 e da mesma forma no Código Napoleônico de 1810.

A súplica pela razão evocada nos períodos do Renascimento e do Iluminismo aliados a tolerância do Liberalismo se caracterizaram como fatores preponderantes para redução das represálias ao suicídio. Não menos relevante para essa mudança de status na Idade Moderna, a literatura do Romantismo atribuiu uma concepção heroica e até desdenhosa do suicídio (RIBEIRO, 2004). O poeta alemão Johann Wolfgang com a sua obra “Os sofrimentos do jovem Werther” marcou a época de seu país influenciando uma legião de escritores no mundo todo. O romance escrito em tom realístico e perturbador descreve uma paixão avassaladora entre o protagonista e sua amada que o leva ao aniquilamento de sua própria vida. Milhares de jovens da época atraídos pelo espírito passional e depressivo do protagonista, decidem seguir o mesmo exemplo pondo fim as suas próprias vidas. Tal fato foi de tamanha relevância que a Psicanálise criou o termo efeito Werther para caracterizar a fenomenologia suicida (RIBEIRO, 2004).

O suicídio passa a estar mais fortemente relacionado a patologia mental a partir do século XIX, com o Positivismo de Auguste Comte concomitante a Era Vitoriana, caracterizada por um rígido regramento e constantes proibições sociais. Ribeiro (2004) descreve que nesse período histórico o suicídio passa a ser considerado um ato de vergonha, refutado e que deveria se manter em sigilo por estar associado a patologia mental, cuja possível hereditariedade não deveria estar difundida entre a comunidade.

Foi nesse contexto que Émile Durkheim (1858-1917) responsável pela emancipação da Sociologia de Comte, publica em 1897 o Livro “Le Suicide”, que vem a defender o suicídio como um fenômeno social e não puramente individual (RIBEIRO, 2004).

É a partir de Durkheim então, com o reforço de sua pesquisa estatística sobre o tema, que a história do suicídio se amplia. Aliada a uma forte compreensão do suicídio como indício de doença mental, este fenômeno passa a ser o foco de estudo da psiquiatria. Mas além disso, na contemporaneidade como acrescenta Toro *et al.* (2013), o suicídio ganha vozes múltiplas, e as mais diversas explicações vindas da psicologia, sociologia, filosofia e biologia, conferem a esse fenômeno a sua devida complexidade.

2.2 CONCEITUANDO O SUICÍDIO: PORQUE FALAR DE SUÍCIDIO?

De acordo com a OMS (2020), o suicídio configura-se como morte intencional auto infligida, isto é, quando a pessoa decide tirar a sua própria vida.

Émile Durkheim (1982, p. 16) elucida que: “Chama-se de suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado”.

Edwin Schneidman (1985 apud WERLANG, 2000), psicólogo de formação e um dos principais expoentes na investigação intelectual e empírica do suicídio, considerado na contemporaneidade o pai da suicidologia, de forma bem menos ampliada e suscinta, entende o suicídio como: “[...] ato humano de cessação auto infligida, intencional”, complementando “como um fenômeno multidimensional, num indivíduo carente, que define uma questão, para qual o suicídio é percebido como a melhor solução” (SCHNEIDMAN, 1985 apud WERLANG, 2000, p. 40). Schneidman é o autor do neologismo *psychache*, derivada de duas palavras em inglês que significam *psiquismo* e *dor*. Após quatro décadas de estudos direcionados ao tema, afirmou num artigo intitulado *Suicide as Psychache*, que poderia resumir todas as suas descobertas acerca do suicídio numa única frase com cinco palavras, que traduzidas pode ser entendida como: “O suicídio é causado por uma dor psíquica intolerável”, complementando “uma dor intolerável que segundo ele é vivenciada como uma turbulência emocional interminável, uma sensação angustiante de estar preso em si mesmo sem encontrar uma saída” (SCHNEIDMAN, 1985 apud WERLANG, 2000, p. 40).

Há assim um retrato de uma sensação que a vida entrou em colapso onde a pessoa amarrada, aturdida, desamparada, impotente e em constante sofrimento sem conseguir pensar em encontrar uma estratégia para o sofrimento, se recorre ao suicídio. De forma mais abrangente, Werlang (2012) reflete que o comportamento suicida é uma complexa soma de fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais.

Carregado de estigma sombrio o suicídio é atualmente uma incógnita difícil de ignorar. Preocupantemente é um fenômeno que vem apresentando uma considerável taxa de aumento nos últimos 10 anos sendo por consequência considerado pela OMS (2020) um problema de saúde pública mundial. Conforme o último boletim epidemiológico da Secretaria da Saúde de setembro de 2021, esse

aumento ficou registrado em 43% no número anual de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil. Segundo a OMS (2020) o suicídio é hoje a quarta maior causa de morte de jovens de 15 a 29 anos e o Brasil é o oitavo país com o maior número no mundo. A cada 45 minutos, acontece uma morte por suicídio no Brasil, sendo que para cada morte, temos outras 20 tentativas.

Seja qual for o ponto de vista da análise do suicídio, sua dimensão central está relacionada ao sofrimento, tornando-se explícito a necessidade de estudarmos e conhecermos tudo aquilo que o envolve. Em qualquer faixa de idade que transite, o suicídio é um fenômeno nefasto, doloroso, que abala e coloca o ser humano frente a uma situação sem ponto de retorno, ferindo emocionalmente a todos os que estão relacionados de forma direta ou indireta ao fato (WERLANG, 2012).

Cabe, portanto, prioritariamente aos profissionais de saúde atentos a esse sofrimento que perpetua a todos os envolvidos, e que está declaradamente crescente nas estatísticas, procurar todos os meios possíveis para intervir e cessar uma dor que não pode e nem deve ser ignorada. Diante deste fato, Santana e Rocha (2014) afirmam que, o ato de cessar a própria vida é visto como um desconforto emocional, originando o ato suicida. É de basilar acuidade a compreensão sobre o fenômeno, não menosprezando a singularidade do ser humano, e o que está por traz do sofrimento que o levou até tal atitude.

Eis um tema que é tabu não só na sociedade como na própria área de saúde. Acrescentando ao que Jung (2015) fala “Aquele que olha para fora sonha. Mas o que olha para dentro acorda”, remete a reflexão do quanto a humanidade ainda insiste em manter-se anestesiada ou estática para a sua dor. Jung complementa que “Conhecer a sua própria escuridão é o melhor método para lidar com a escuridão dos outros”.

2.3 A FORÇA DO MEIO: APRESENTANDO A SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A história da humanidade é classicamente dividida entre idades ou períodos que marcam uma transição, uma passagem de um velho para um novo. O que define a transição de uma era para outra são as mudanças de características que trouxeram algum tipo de consequência para a humanidade. Como pontua Meijerink (2011), a transição é um processo psicológico, pelo qual pessoas tem que passar para conseguir lidar com situações diferentes, onde uma nova reorganização

promove mudanças no mundo interno e externo dos indivíduos. Assim a história mudou da idade Antiga para a Medieval, da Medieval para a Moderna e da Moderna para a Idade Contemporânea, ou ainda mais recentemente como Pós-Moderna.

Nogueira (2010 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018), aponta que a expressão pós-modernidade ganhou notoriedade em 1979 por intermédio do livro “A condição pós-moderna” do então filósofo francês Jean François Lyotard, que veio a retratar de forma nítida e sucinta um panorama das mais profundas transformações que marcaram a estrutura sociocultural no final do século XX. No livro, Lyotard escreve sobre a condição pós-moderna, onde a define como “a incredulidade em relação as metanarrativas”, que em outras palavras expõe que a pós modernidade é o período histórico marcado pela total falência das ideias tidas como certas e verdadeiras pelos pensadores modernos do Iluminismo, pondo fim a ilusão de que a razão, o progresso científico e a tecnologia levariam o homem a felicidade ou ainda seriam os pilares para o desenvolvimento humano (RIOS; DOS SANTOS, 2018).

Ainda que o conceito de pós modernidade seja complexo e sem um exato consenso na literatura, dado as divergências sobre sua formação e significado, se faz prioritário compreender quais suas principais características e transformações empreendidas pela sociedade afim de identificar de que modo essas circunstâncias podem influenciar comportamentos humanos e principalmente como criar e romper relações interpessoais (RIOS; DOS SANTOS, 2018).

Rios e Dos Santos (2018) explicam que vários acontecimentos decorridos no final do século XX promoveram um forte sentimento de insatisfação e decepção na sociedade pós-moderna, provando na prática que as teorias modernas não eram tão eficazes como se previam. Da mesma forma que a razão e a ciência melhoravam as condições de vida das pessoas possibilitando a cura das doenças e a propagação da alfabetização, também proporcionaram ao homem a criação de armas em massa amplamente utilizadas na primeira e segunda guerra mundial. Não obstante, a tecnologia da industrialização fomentou o desenvolvimento desenfreado de grandes centros urbanos que sem uma estrutura adequada e sustentável ocasionou uma infinidade de danos ao meio ambiente passíveis de soluções até os dias atuais.

Segundo Moraes (2004 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018, p. 3):

A Pós-Modernidade surgiu com a desconstrução de princípios, conceitos e sistemas construídos na Modernidade, desfazendo todas as amarras da rigidez que foi imposta ao homem moderno. Com isso, os três valores supremos, o Fim, representado por Deus, a Unidade, simbolizada pelo conhecimento científico e a Verdade, como os conceitos universais e

eternos, já estudados por Nietzsche no fim do século XIX, entraram em decadência acelerada na Pós-Modernidade.

No entanto ao estudar a análise dos principais pensadores da pós-modernidade, como pontua Rosseti (2016), não há um consenso de ruptura completa da Modernidade, mas sim que percebem características modernas (mesmo que já transformadas) no tempo presente, além é claro de apresentar novas configurações que caracterizem uma nova nomenclatura, como Hipermodernidade, Sociedade do Espetáculo ou Modernidade Líquida.

Para Santos (1986) a idade pós-moderna se refere às mudanças ocorridas no âmbito da ciência, das artes e das sociedades avançadas desde 1950, quando por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Em cada segmento toma força em sua estrutura despontando com a arquitetura e com a computação dos anos 50, evoluindo com a arte POP dos anos 60 e criando força com a Filosofia ao apontar críticas a cultura ocidental. Amadurece e se expande para moda, para o cinema, para a música e para o dia a dia programado pela tecnociência, sem que ninguém consiga identificar se é decadência ou renascimento cultural (SANTOS, 1986).

Um estado de desconfiança é presente a qualquer discurso que objetive estipular consensos universais ou projetos coletivos que visem transformar o mundo. A civilização ocidental imersa em ideais como a democracia, a liberdade e os direitos individuais não encontram mais discursos aceitos por todas as culturas, nem juízos de verdade, moral e estética que aleguem o que é certo ou errado, bom ou mal, feio ou bonito. Bauman (2013 *apud* ROSSETTI, 2016) aponta que as estruturas que eram sólidas, duras e pesadas, operando como repressoras da liberdade individual passam na modernidade líquida a desintegrar essa solidez, não mais ditando hábitos e práticas dos indivíduos que já não se orientam mais pelas metanarrativas. No momento, passam a se guiar por si mesmos e por suas vontades, o que concomitantemente os acarreta um sentimento de responsabilidade por seus próprios fracassos ou sucesso, um sentimento generalizado de culpa que já não pode mais ser repassado as instituições de poder.

Características como o individualismo e a fragilidade nos laços coletivos são aspectos negativos que filósofos e teóricos atribuem a pós modernidade.

A nova sociedade seria 'pós-disciplinar', tomada pelo individualismo, pela mudança e pelo consumo, pela fragilidade dos laços coletivos e da própria existência individual (LIPOVETSKY, 2005 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018, p. 5).

O domínio do sistema capitalista envolto a faceta do consumo aliado a globalização e o advento da tecnologia promovem a revolução pós-moderna. O avanço nos meios de comunicação com a difusão da internet marca uma era de rápidas transformações. Como um consenso entre os principais analistas da pós-modernidade, Nicolaci-da-Costa (2004) aponta a globalização, a mobilidade, a flexibilidade, as comunicações eletrônicas, a fluidez, os pequenos relatos, a relativização, a fragmentação, as fusões, as rupturas de barreiras e fronteiras, a descentralização e extraterritorialidade do poder, a imprevisibilidade, o curto prazo, o imediatismo e o consumo como suas principais características.

Eagleton (1996 *apud* NICOLACI-DA-COSTA, 2004, p. 83) descreve a pós-modernidade como:

[...] uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. [...] Vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades.

Ainda, conforme Nicolaci-da-Costa (2004), autores como Meyrowitz (1999) se utilizam de metáforas bem diferentes de outros autores para registrar a dinâmica da qual diferentes características da modernidade se liquefazem, se unem e se interpenetram para constituir a pós-modernidade, procurando dar visibilidade ao processo que transforma o aparentemente sólido e estático mundo moderno no fluido e dinâmico mundo pós-moderno.

Zygmunt Bauman (1925 – 2017), que é um dos maiores intelectuais entendidos sobre as interações humanas na pós-modernidade, preferiu utilizar um termo próprio para a pós-modernidade, a que ele chamou de “modernidade líquida”. Atrelando algumas das características mais relevantes da pós-modernidade como a fragmentação, a multipluralidade, a descentralização e a instabilidade o autor nos faz entender o porquê do termo “líquido” para definir essa era (BAUMAN, 2011). Para o autor, como líquidos não possuem forma e deslizam com tranquilidade de um lado ao outro, o termo representa com fidelidade os comportamentos e valores humanos da sociedade atual, onde “as relações escorrem pelo espaço entre os dedos” (BAUMAN, 2011).

Nicolaci-da-Costa (2004) complementa que enquanto a modernidade era sólida e estriada, em virtude da sua visibilidade de seus poderes centrais,

hierarquias, regras, barreiras, fronteiras etc., a pós-modernidade é fluída, ou lisa, em virtude de sua descentralização, organização em redes, sua ausência de barreiras ou fronteiras.

Bauman (2004 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018) enfatiza a fragilidade das relações na atualidade, chamando atenção para seu caráter efêmero, chegando a compará-las a meras mercadorias disponíveis no mercado. E assim é numa cultura consumista como a atual, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa) de construir a “experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem e exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço” (BAUMAN, 2004 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018, p. 6).

O autor ainda é citado sobre as motivações e expectativas do desejo de se relacionar, onde há um querer de relacionar-se, mas sem se privar de sua liberdade individual possibilitando o romper desse elo de forma simples e rápida.

Será que os habitantes de nosso líquido mundo moderno preocupados com uma coisa e falando de outra? Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é ‘relacionar-se’. Mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, de tal modo que, como as riquezas de Richard Baxter, que ‘caíam sobre os ombros como um manto leve’, possam ‘ser postos de lado a qualquer momento’? Afinal, que tipo de conselho eles querem de verdade: como estabelecer um relacionamento ou – só por precaução – como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa?” (BAUMAN, 2004 *apud* RIOS; DOS SANTOS, 2018, p. 6).

Bauman (2011) também discorre sobre como as mudanças rápidas no meio e no indivíduo promovem um clima de incerteza e insegurança.

O mundo que chamo de ‘líquido’ porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição (BAUMAN, 2011, p. 7).

É notável perceber que dentro desse contexto de profundas transformações a nível sócio, econômico e cultural o plano pessoal se perpassa ileso de mudanças. Nicolaci-da-Costa (2004), coloca que é identificável consequências e sentimentos

gerais como a insegurança, a incerteza, o medo, a ansiedade entre outros, bem como a percepção de conflitos psicológicos e principais características dessa nova dinâmica subjetiva pós-moderna. A incompatibilidade entre os projetos de vida a longo prazo e o imediatismo do trabalho no novo capitalismo flexível se perpassa como um desses conflitos psicológicos (STEIN, 1998).

Para maior parte dos estudiosos da pós-modernidade, o consumo excessivo é o cerne desse contexto. Debord (1997), chama a atenção para a mudança ocorrida na metade do século XX que transformou as grandes classes operárias em consumidoras focadas na busca pelo ter. Lipovetsky (2004), aponta o hiperconsumo como o centro da vida social e individual que assegura o bem-estar emocional e psicológico dos indivíduos. Bauman (2001), percebendo a sociedade da modernidade líquida pautada em bases enraizadas na economia livre, se organiza entre os que produzem a sedução e o desejo pela mercadoria e entre os que atraídos pelo fetiche, consomem convictos que estão adquirindo felicidade.

De acordo com Rossetti (2016), a individualidade cresce fomentada pelo tripé da tecnologia, mídia e capitalismo. Para Debord (1997) os espaços coletivos agora substituídos por grandes centros comerciais de compra e lazer, fornece ao trabalhador também ali inserido, um consumidor de ilusões. Bauman (2001), compartilha da mesma ideia ao perceber esses grandes centros de compra e consumo, como templos que produzem um sentimento reconfortante de pertencimento, já que não há mais uma crença da existência de uma nação, de uma sociedade justa ou de um final e futuro melhor para todos.

Para Rossetti (2016), confinados em casa assistindo televisão, navegando na internet e consumindo publicidade através das mídias, os indivíduos já libertos das suas limitações coletivas, crescem cada vez mais dentro de sua própria bolha. O espaço que antes propunha uma comunhão coletiva segue substituído pelo espaço virtualizado, onde o instantâneo, o acelerado, o possível de ser feito rapidamente se destaca. Jameson (1996 *apud* ROSSETTI, 2016), defende que esse tempo-velocidade, que submete tudo o que existe à mudança constante, embaça a ideia de passado e de futuro. O presente está em voga proporcionando uma sensação de vivacidade, euforia e intensidades.

A sociedade pós-moderna caracterizada por um contexto capitalista e globalizado é marcada pelo consumo, pelo individualismo e pelo efêmero. Nela corre-se atrás do bem-estar individual através do consumo hedonista e busca-se

continuamente a felicidade vivenciando concomitantemente um sentimento de desamparo perante a total responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dessa busca.

A sociedade pós-moderna se baseia no presenteísmo que traz de volta a importância do prazer, do experimental, do aproveitar o aqui e agora, como afirma Maffesoli (2012). Essa consagração resulta na necessidade de satisfação imediata que, efêmera, leva ao consumo excessivo. Há uma luta contra o envelhecimento das sensações e, por isso, a cada nova compra, o aqui-agora se renova (MAFFESOLI, 2012 *apud* ROSSETTI, 2016, p. 212).

Araújo e Bicalho (2012), apontam que a pós-modernidade nos apresenta novas formas de subjetivação, novas formas de ser e estar presente no mundo e conseqüentemente novas configurações de sofrimento psíquico. Isso nos reflete para um sujeito imediatista, acelerado, fragmentado, narcisista, desiludido, ansioso, hedonista, deprimido, informatizado e sedento de liberdade e autonomia.

Dentro dessa perspectiva, a construção da identidade do adolescente pós-moderno parece estar muito mais alicerçada num mundo virtual do que real, de forma a acarretar sérias conseqüências. A mídia e a tecnologia funcionam como motor de um capitalismo pós-moderno, quando influenciam ideias, opiniões, vontades e comportamentos. Ainda, inundam os indivíduos com mensagens publicitárias homogêneas que se dirigem a todos. A população agora está inserida na lógica do mercado, independente do poder aquisitivo que possua, como explicam Lipovetsky (2004) e Bauman (2001). Entretanto, é importante salientar que para Lipovetsky (2004), apesar de haver tal influência, a mídia não tem poder de impor (obrigar) comportamentos e o indivíduo pode utilizar a tecnologia como importante ferramenta na busca por conhecimentos e informações diversificadas. Entretanto, diante desse contexto frenético um sentimento de desorientação ocorre com o excesso de informações que não contempla uma reflexão. Nesse sentido, Camus (1989, p. 13) escreve:

O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e a desafia a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo. No extremo do despertar vem, com o tempo, a conseqüência: suicídio ou restabelecimento.

É nessa direção que a psicologia analítica propõe compreender onde reside a lacuna na subjetividade dos jovens adolescentes que recusam o anseio mais profundo do ser humano que é o viver.

2.4 O SUICÍDIO NA VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

O psiquiatra Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875 em Kesswil, Turgóvia na Suíça, foi um dos maiores estudiosos da vida interior do homem. Utilizando o autoconhecimento como uma das principais ferramentas de trabalho, Jung foi o criador da Psicologia Analítica no qual desenvolveu sua teoria sobre a psique humana. Sua obra científica está intimamente associada aos fatos de sua própria vida e também aos estudos de seus casos clínicos. Inicialmente chamada de Psicologia Profunda, foi oficialmente denominada de Psicologia Analítica em 1913, onde Jung desenvolveu uma teoria e uma prática psicodinâmica que enfatiza e compreende os fatores internos da psique (BAIR, 2006; SILVEIRA, 1997).

Kast (2019), aponta que o principal diferencial da psicologia analítica é a atenção voltada para a importância que as experiências simbólicas exercem na vida humana. Para Jung a história do indivíduo é fundamental para que possamos compreender as circunstâncias atuais pois estas abrangem fatos que marcam toda a humanidade e são cruciais para o crescimento e desenvolvimento do ser humano.

Mclynn (1998), aponta que em 1906 Carl Gustav Jung inicia uma troca de cartas com Sigmund Freud e tem seu primeiro encontro com ele em 1907 em Viena. Entretanto apesar de defender algumas ideias de Freud, Jung possuía ideias próprias e com o passar dos anos começaram a surgir distinções sobre suas crenças. Jung explorava toda a psique, consciente e inconsciente de forma que para ela nada poderia ser deixado de fora do inconsciente coletivo:

A hipótese de Jung seria que esses componentes de ordem coletiva, sob a forma de categorias herdadas, provêm de níveis mais profundos e possuem conteúdos coletivos em estado relativamente ativo. Por isso os designou inconsciente coletivo. Ele entendeu que, do mesmo modo que além do indivíduo existe uma sociedade, além da psique pessoal há uma psique coletiva; e a relação entre a psique individual e a psique coletiva corresponde à relação do indivíduo com a sociedade. Assim como o indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas também um ser social, a psique humana não é algo isolado e totalmente individual, mas também um fenômeno coletivo (JUNG, 1971/1990, p. 13-22).

Jung considerava o inconsciente coletivo como um espelho, que refletia o universo, e influenciava em toda a psique humana. Para Jung a alma (psique) humana faz parte da alma do mundo possibilitando a psicologia Analítica uma análise muito mais ampliada e multidisciplinar, ou seja, podendo ser vista de qualquer ângulo, para qualquer área que se deseja observar em diversos pontos de

vista (BARRETO, 2008).

Bair (2006), nos traz que Carl Gustav Jung é o primeiro a assumir a presidência da Fundação da Associação Psicanalítica Internacional e que passados dois anos rompe relações pessoais com Sigmund Freud. Conforme Hannah (2003), diferentes temperamentos e ponto de vista não permitiram uma continuidade na amizade entre os dois. Um dos principais desacordos estava relacionado a libido, onde para Freud esta era ligada somente a sexualidade, enquanto para Jung a libido estava relacionada a criatividade. Para Jung a libido é uma energia psíquica que vai além da natureza sexual, mas instinto de sobrevivência (sede, fome, agressividade, necessidade de proteção, etc.), a busca de relações afetivas e sociais, do desenvolvimento pessoal, do conhecimento de si mesmo e da experiência numinosa (vivências religiosas significativas que trazem sentido a vida e à morte) (HANNAH, 2003).

Segundo Ramos (2002), não somente relacionado a libido, as discordâncias de ideias de Jung com Freud se estendem a diversos outros aspectos, a começar pela própria estrutura da psique humana. Jung estruturou o aparelho psíquico em três elementos: O consciente, o Inconsciente pessoal e o Inconsciente coletivo. O ser humano comparado a um iceberg, possui o Consciente como a ponta do iceberg da psique, onde uma pequena parcela de nossas ações é consciente, sendo a maior parte inconsciente (passamos em média 14 das nossas vidas dormindo, em estado de inconsciência). Nele reside o eu como núcleo central e é a parte do aparelho psíquico que mantém contato com o mundo interno e externo do indivíduo.

No Inconsciente Pessoal reside a base do iceberg da psique, sendo a parte mais superficial do inconsciente. Nesta parte permanece os conteúdos derivados da vida do indivíduo posterior ao seu nascimento, ou seja, conteúdos de sua experiência de vida, complexos (conflitos psicológicos) e desejos pessoais não realizados (RAMOS, 2002).

No inconsciente coletivo é representado pelo mar, onde se encontram os icebergs. Nele estão as camadas mais profundas do inconsciente, denominados de arquétipos (núcleos instintivos herdados de forma psicobiológica de geração a geração) sendo que o indivíduo já nasce com ele. São inúmeros os arquétipos existentes, porém para psicologia analítica alguns estão em permanente contato com o “eu”, sendo eles a persona, a sombra, a anima, o animus e o Self, este também denominado de “si mesmo” e do qual constitui o núcleo central de toda a

psique humana (RAMOS, 2002). No inconsciente coletivo reside em sua camada mais profunda a psicóide, a camada que se relaciona com os acontecimentos que ultrapassam as explicações científicas entre fenômenos psíquicos e físicos. Os sonhos e as visões premonitórias são exemplos dos conteúdos que permanecem nessa camada. O self que é núcleo central de toda a psique humana, é o arquétipo que leva o homem ao processo de individuação, que é o eixo central de toda Psicologia Analítica (RAMOS, 2002).

Nas palavras de Ramos (2002), o processo de individuação é o que leva o homem para busca de si mesmo pelo autoconhecimento, pela integração com seus pares, pela vivência espiritual e pela integração com Deus, tratando-se da busca pela totalidade psíquica. O processo de individuação ocorre através de etapas de confrontação do eu com os principais arquétipos que influenciam a consciência, ou seja, com os arquétipos que estão em contato permanente com esta. Assim esses confrontos se relacionam entre o eu e a persona (máscaras ou personagens necessários para adaptação ao mundo social); entre o eu e a sombra (arquétipo desconhecido do eu, que esconde as virtudes e defeitos); o eu e a ânima (personificação da natureza feminina no inconsciente masculino); o eu e o animus (personificação da natureza masculina no inconsciente feminino) e finalmente entre o eu e o Self (que é o núcleo de toda a psique humana).

O confronto do eu com o Self só ocorre depois de todos os confrontos anteriores, quando o eu incorpora de modo consciente o self, ele integra-se a ele passando a ser o comandante da psique humana e nisso constitui-se o processo de individuação. Este processo corresponde então a integração entre o consciente e o inconsciente, permitindo que o indivíduo passe a viver a partir de um núcleo central psíquico que tem como comando um self consciente (RAMOS, 2002).

Jung entende que o inconsciente (através da ação do self) instiga as pessoas a viverem o processo de individuação, porém a maioria delas foge dessa busca já que ela implica em enfrentar a si próprio, a descortinar e enfrentar suas sombras, suas contradições e complexos (traumas psicológicos) (RAMOS, 2002).

Ramos (2002) promulga uma reflexão a respeito das crises (social, econômica e de valores) que a sociedade vivencia atualmente, onde muitas pessoas fogem do seu processo de individuação, procurando respostas as suas questões íntimas e aos seus sofrimentos psíquicos em “receitas de felicidade”. A internet com todo seu aparato nas redes sociais é um grande exemplo desse recurso em que não

só os adultos como principalmente os jovens, mais abduzidos e propensos a esse contexto virtual, se recorrem como ferramenta de auxílio aos seus conflitos psicológicos.

Oliveira (2012) complementa o conceito de individuação como um processo que se traduz na diferenciação da personalidade em relação ao coletivo, no qual suscita a construção de um mundo social, amparado pelos sentidos subjetivos de uma existência que comporte a presença e o encontro com o outro, em si e fora de si.

A psicologia analítica trabalha com conceitos opostos no que compete a uma complementação. Stein (1998), acrescenta que essa característica dá um tom paradoxal a teoria, fornecendo um equilíbrio entre as diferentes forças, não em sua homeostase completa, mas em sua integração. Essa integração entre as forças ocorre desde os primórdios da vida humana, em temas como vida e morte, luz e sombra, bem e mal. A psicologia analítica entende que esses opostos evidenciam o quanto uma pessoa ou até a sociedade, podem tornar-se patológicos quando se mantêm polarizados em um dos extremos.

Souza (2020), informa que para que ocorra o processo de individuação, a polarização patológica não aparece como uma possibilidade e sim a alternativa de integração desses opostos, sombra e persona, na consciência. Para que esses opostos se integrem se faz necessário uma aceitação de si mesmo, principalmente das partes que não condizem com a persona a qual normalmente é exposta perante as normas sociais ou culturais.

De acordo com Psicologia Analítica, dentro de conceitos opostos, o termo morte traz a mente outros termos como renascimento e transformação. O questionamento central para questão do suicídio, dentro de um olhar único para cada indivíduo, visto que cada ser organiza sua problemática e sua situação pessoal de forma singular, seria perceber qual a sua real necessidade, se de fato é a morte física ou uma transformação, um renascimento, uma mudança. Há de se descobrir o que a “alma”, a sua psique (essência, subjetividade, profundidade) anseia ao se recorrer a morte e qual o significado, o simbolismo que o suicídio apresenta para essa psique (SENA; FRANCO, 2017).

Oliveira (2012), complementa tal percepção pela ótica de um dos expoentes da Psicologia Analítica James Hillman, que aponta para a seguinte questão: “o que quer a alma (o ser) ao imaginar, ou ao realizar em ato irreversível, diante do mundo,

essa possibilidade simultânea de matar e de morrer?”.

Para Sena e Franco (2017, p. 223), o suicídio não deve ser visto apenas como uma saída da vida, e sim, como uma entrada na alma e uma entrada na morte. A alma sendo vista como o centro da vida psíquica, no qual todo fenômeno psicológico deve ser referido a ela; a alma busca então, nas tentativas de suicídio, dar um novo significado à vida.

Ainda, para Hillmann (2014), a Psicologia Analítica deve trabalhar o morrer e suas implicações, qual o significado da morte, pois ela se perpassa como uma profunda reflexão para o indivíduo sobre o que ele anseia de si mesmo e qual a situação em que está vivendo. O arquétipo da morte está presente desde que ganhamos vida e permeia toda nossa trajetória a transformando de forma simbólica e subjetiva, edificando mais vida com um espaço para o novo.

Torna-se compreensível que o jovem ao se recorrer ao suicídio está em busca de uma saída para o conflito que lhe causa tanta dor, enxergando na morte uma única possibilidade de libertação. Dentro de uma perspectiva simbólica, a reflexão a ser levantada é: “o que em mim precisa morrer?” Ou, “quem em mim deseja morrer?”.

2.5 O SUICÍDIO, A ADOLESCÊNCIA E A SOMBRA

A palavra adolescência deriva do latim onde ad = “para” e olescere = “crescer”, o que nos remete ao sentido de crescer para. Como o próprio sentido da palavra sugere então, a adolescência se caracteriza por uma fase do desenvolvimento humano que preconiza um crescimento ou pelo menos, almeja um crescimento quando transita de uma fase infantil para uma fase adulta. É um período complexo, marcado por intensas transformações que ocorrem nos mais diversos âmbitos do sujeito (ABERASTURY; KNOBEL, 1981; GALLATIN, 1978).

Para Papalia e Feldman (2013), a adolescência se caracteriza por uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais, assumindo formas diversificadas em contextos sociais, culturais e econômicas. As alterações físicas, biológicas são intensas, pois é o processo que leva o corpo a maturidade sexual, a capacidade reprodutiva. Para que isso ocorra o corpo inicia a produção de uma diversidade de hormônios que não só vão promover um crescimento mais rápido do corpo físico em consonância com o amadurecimento

dos órgãos sexuais, como também ocasionar uma intensa emotividade e instabilidade de humor no início dessas transformações.

A nível cognitivo o cérebro inicia um processo de amadurecimento que só finaliza na fase adulta. Mudanças dramáticas nas estruturas cerebrais envolvidas nas emoções, no julgamento, organização de comportamento e autocontrole ocorrem entre a puberdade e o início da fase adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 392). As mudanças cognitivas influenciam diretamente no comportamento dos adolescentes explicando em grande parte as alterações psíquicas e emocionais que eles passam a apresentar. Diferenças comprovadas cientificamente, apontam que o cérebro ainda imaturo pode permitir que os sentimentos se sobreponham a razão, explicando porque muitas vezes os adolescentes não deem ouvidos as advertências que parecem lógicas e irrefutáveis dos adultos (BAIRD *et al.*, 1999; YURGELUNTODD, 2002 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013). Isso ocorre porque o processamento das informações emocionais de um cérebro adulto é feito no lobo frontal, enquanto no adolescente é feito pelas amígdalas, desenvolvendo assim a tendência de fazer julgamentos menos preciosos e racionais.

Papalia e Feldman (2013), ainda acrescentam uma informação de extrema relevância. A propensão para comportamento de risco prece resultar da interação de duas redes cerebrais: (1) uma rede socioemocional que é sensível a estímulos sociais e emocionais, tal como a influência dos pares, e (2) uma rede de controle cognitivo que regula as respostas e estímulos. A rede socioemocional torna-se mais ativa na puberdade, enquanto a rede de controle cognitivo amadurece mais gradualmente até o início da idade adulta. Esses achados podem explicar a tendência dos adolescentes a explosões emocionais e a comportamento de risco e por que o comportamento de risco frequentemente ocorre em grupos (STEIBERG, 2007 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As transformações sofridas na adolescência que, interagindo e interferindo umas com as outras, não fazem as transformações a nível social ser menos intensas e profundas. Há de se considerar que a escola passa a ser um foco de atenção ao adolescente que precisa se preparar para entrada no mercado de trabalho. Como pontua Papalia e Fieldman (2013), o início da vida profissional frequentemente requisita períodos mais longos de educação ou treinamento profissional para que o indivíduo possa assumir as responsabilidades da vida adulta.

Tais decisões acabam sendo influenciadas por uma diversidade de fatores,

como a capacidade individual e a personalidade, a educação, os ambientes econômicos e étnicos, a uma possível orientação vocacional, as experiências de vida e os valores sociais. É um período que exige decisões de cunho tão importantes que parece não ser compatíveis com a real maturidade que o adolescente apresenta e que talvez remeta ao fato de o jovem parecer sempre estar imerso “em seu próprio mundo”, porém sem necessariamente conseguirmos identificar se há de fato nesse mundo a reflexão necessária para o seu amadurecimento (PAPALIA; FIELDMAN, 2013). Concomitante a escolha de uma profissão e ingresso no mercado de trabalho, socialmente os adolescentes estabelecem sua rede de amizades e relacionamentos, muitos dos quais associados a relacionamentos amorosos que podem se configurar em futuros compromissos matrimoniais, muito embora atualmente isso tem ocorrido mais tardiamente, já na fase adulta (PAPALIA; FIELDMAN, 2013).

Dentro de tamanhas e profundas transformações, a adolescência se configura como uma fase de extrema complexidade, que exige da família um conhecimento mais aprofundado do seu funcionamento. O núcleo familiar predominantemente representará uma base imprescindível de segurança e equilíbrio para o jovem adolescente.

Nessa mesma direção, Strieder (2019) coloca que dentro do meio familiar é fundamental que exista a integridade dos adultos bem como atitudes que sejam coerentes com seus discursos, já que servirão de exemplos aos seus filhos. Mais importante que satisfazer os seus desejos é ensinar princípios éticos. Pontua que Jung nos alerta sobre alguns aspectos fundamentais para a formação da personalidade que define a responsabilidade que cabe aos pais: [...] Ninguém pode educar para personalidade se não tiver personalidade” (PAPALIA; FIELDMAN, 2013, p. 182).

Ainda nesse sentido, Strieder (2019) aponta que para Jung a personalidade é desenvolvida gradualmente: “A personalidade já existe em gema na criança, mas só se desenvolverá aos poucos por meio da vida e no decurso da vida. Sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade (PAPALIA; FIELDMAN, 2013, p. 182).

Jung entende que para que uma personalidade se torne capaz e estruturante, é necessário que ocorra uma integração entre todos os seus aspectos, sendo eles positivos ou negativos. Nesse sentido a sombra é para Psicologia Analítica os

elementos do eu que não foram integrados à personalidade da pessoa, mas que residem em seu inconsciente. Os conteúdos negados e que são desconhecidos pela pessoa, acerca da personalidade, estão na sombra (Jung, 2002).

De acordo com Edinger (2020), o arquétipo da sombra simboliza o lado sombrio da personalidade. É como um lado obscuro da alma, que guarda a parte mais primitiva do ser. Jung chama de sombra “um lado menos perfeito, menos luminoso que, sendo assim, não corresponde aos ideais de perfeição” (JUNG, 2014, p. 50).

A sombra é como uma sacola, em que se coloca tudo aquilo que não é apreciado, inicialmente, pelos pais, e posteriormente, por aqueles a que se tem amor ou respeito. Quando tenta-se abrir esta sacola, a visão pode ser a de uma terrível criatura, oposta a tudo aquilo que se quer ser (BLY, 2016 *apud* SOUZA, 2020). Complementa notificando que qualquer coisa que não se aceita em si próprio, ou não é aceito pelos pais ou criadores, pode se transformar em sombra.

Stein (1998), aponta que quando aspectos da sombra são integrados a personalidade através de um longo processo de análise de consciência, fará desse indivíduo um diferencial entre os outros, porém que ao manter-se inconsciente, projetará as sombras nos outros.

A famosa frase de Jung que fala “O que negas te subordina. O que aceitas te Transforma”, vem ao encontro com o que a Psicologia Analítica entende por descortinar as suas sombras, trazê-las para o consciente, para que só assim seja possível trilhar o caminho da Individuação. Quanto mais inconsciente uma pessoa está de suas questões negadas, mais risco de perder, ainda que momentaneamente, a sua autonomia (HOLLIS, 2010 *apud* SOUZA, 2020).

Penna e Araújo (2021, p. 168), colocam que o Processo de individuação se traduz no processo de desenvolvimento da consciência e formação da individualidade. Assim complementam:

À medida que o ego percorre o caminho da vida, a psique pessoal vai se complexificando, diversificando e ampliando suas possibilidades e recursos para lidar com a vida relacional (eu com os outros e o mundo) e a vida íntima (eu com o si mesmo). Ao longo do processo de individuação, o ego recebe influências advindas dos arquétipos do inconsciente coletivo e dos fatos e eventos existenciais, os quais movem e comovem o ego na forma dos símbolos. O complexo psíquico da individualidade abrange os elementos conscientes (ego-consciência) e inconscientes (complexos-sombra). Esta no entanto está inserida e alicerçada num sistema mais amplo supraindividual de caráter coletivo tanto no âmbito consciente (consciência coletiva) quanto no âmbito inconsciente (inconsciente coletivo).

A sombra sendo um arquétipo (um elemento da psique coletiva) muito frequentemente se manifestará de forma coletiva, normalmente através de comportamentos impulsivos e agressivos (RAMOS, 2002). O que ocorre nessa questão é que o eu, que se refere ao elemento da consciência que pondera sobre os atos do indivíduo por intermédio da razão, será escondido pela sombra, pelo lado sombrio da natureza humana, que acaba por se manifestar neste caso, de maneira coletiva, em forma de agressão e de impulsividade.

Dentro de um contexto mais amplo, toda essa sombra coletiva se faz presente nos jovens adolescentes por intermédio de diversos aspectos que comungam num grande grupo. Nesse sentido, Oliveira (2012) traz uma reflexão de um grande expoente da Psicologia pós-junguiana, David Tacey, que levanta a questão das perspectivas espirituais (referindo-se aqui a aspectos éticos, valorativos e morais) que podem ser observados nos impulsos suicidas em jovens adolescentes. Outrossim, traz à tona a ausência no mundo atual de referências culturais e religiosas, tanto quanto a falta de espaço para que o jovem possa viver os desafios da experiência da personalidade que fazem parte da adolescência.

Oliveira (2012), ainda ressalta que a ideia fundamental da iniciação é a que o jovem consiga superar determinadas provas para adentrar a fase adulta. Entende que a essência do jovem só lhe será conhecida quando passar por tais provas, já que vem ao mundo como um ser incompleto. Ao se apropriar do seu verdadeiro ser ele renasce então para uma nova fase da vida comunitária, retratando assim uma morte simbólica, acompanhada de uma transformação tanto da consciência pessoal como indivíduo, em face da consciência coletiva.

Outro aspecto a ser analisado são as dificuldades da adolescência frente ao atual contexto histórico, cultural e social.

O jovem está às voltas com mudanças dramáticas que marcam a passagem do mundo infantil para o mundo adulto, e essa passagem se reflete em dificuldades quanto ao próprio corpo, à autoimagem e à sua presença no mundo familiar e social. A falta de rituais que garantam ao jovem a passagem para o mundo adulto como amparo simbólico do meio social, gera ansiedade, angústia e sentimento de frustração e de baixa autoestima que são de difícil elaboração. É precisamente nessa brecha que os impulsos suicidas podem ser vividos intensamente (OLIVEIRA, 2012, p. 107).

Para Oliveira (2012), a fase que precede a sua escolha profissional se mistura a diversos questionamentos de teor existencial onde se questionam “quem sou eu?”, “qual meu lugar no mundo?” Ou ainda “preciso de uma causa para acreditar e que causa é essa que valida todos os meus esforços?”. Envolto a um meio de adultos,

de ideais perdidas e focadas em garantir a sua subsistência, ou adquirir novos itens de consumo, o idealismo juvenil se vê imerso em frustrações ao se dar conta do mundo que está vivendo. Em contrapartida, há também os jovens que incapazes de eleger qualquer objeto para seus desejos libidinais, ansiosos e angustiados não apresentam condição de assumir qualquer responsabilidade que defina um caminho, em razão de uma exigência brutal de sucesso que reflete os padrões sociais da cultura que estão inseridos.

Strieder (2019), traz uma importante reflexão da educadora e filósofa Tânia Zagury, onde acredita que o maior perigo para o jovem hoje ainda não são as drogas, mas sim não crer no futuro e na sociedade em que vive. A descrença e a desesperança são provedoras da angústia, do sofrimento, da depressão, da frustração e do nada que tornam a psique unilateralizada, tornando-se incapaz de unir os opostos e saber para que direção seguir.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Quanto à abordagem, optou-se pela qualitativa. Para Prodanov e Freitas (2013), nesse contexto se destaca a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, traduzindo-se em uma fusão entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito intraduzível numericamente. Outrossim, os autores supracitados elucidam que:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Do ponto de vista de seus objetivos, este estudo buscou a pesquisa exploratória e a pesquisa explicativa, pois para Knechtel (2014, p. 145):

A pesquisa pode ser das seguintes espécies: Exploratória – o pesquisador desenvolve, esclarece e modifica conceitos e ideias com a finalidade de formular problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Geralmente, envolve o levantamento bibliográfico e documental [...]. Explicativa – o pesquisador busca a identificação de fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos; busca explicar a razão e o porquê deles.

Sob este prisma, ainda do ponto de vista dos procedimentos técnicos, considerou-se a Revisão Bibliográfica como a mais pertinente aos anseios desta pesquisa.

3.1.1 Revisão Bibliográfica

Pode-se considerar que a revisão bibliográfica, ou revisão da literatura, constitui-se de uma análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento (TRENTINI; PAIM, 1999). Este tipo de pesquisa visa explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros, tendo em vista conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001).

Para Marconi e Lakatos (2007), a este acervo pode-se adicionar as consultas a bases de dados, periódicos e artigos indexados com o objetivo de enriquecer a

pesquisa. Aqui, tem-se a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. Deve-se relevar ainda, que a pesquisa bibliográfica não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim, a oportunidade de se fazer o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Demo (2000), completa dizendo que a ideia da pesquisa é de induzir o contato pessoal do aluno com as teorias, através da leitura, levando à interpretação própria. Portanto, pretende-se chegar a este objetivo por meio da revisão bibliográfica que é descrita por Gil (2008, p. 50), como sendo uma ação “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Trentini e Paim (1999, p. 68) completam que “a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

3.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA

A amostra foi composta pela literatura relacionada ao tema de estudo, indexada nos bancos de dados: LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde), SciELO (Scientific Eletronic Library Online), Google Acadêmico e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia). Também, nas Revistas da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, livros adquiridos e livros disponíveis na biblioteca da UNESCO. Ainda quanto à amostra, a literatura foi selecionada a partir da variável de interesse. Como critério de inclusão aceitou-se somente as publicações que respondessem à questão do estudo proposto, e ainda: serem publicadas nos últimos 10 anos (2012 - 2022), no idioma português, sendo aceitos todos os tipos de delineamentos metodológicos. Como critério de exclusão destacou-se toda literatura que não respondesse aos critérios de inclusão acima descritos.

3.3 PROCESSOS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A seleção efetuou-se a partir de leitura criteriosa das publicações encontradas

nas bases de dados e outros meios descritos no item 3.2 (população/amostra), sendo selecionada apenas a literatura que atendeu aos critérios de inclusão definidos neste estudo. Assim, buscou-se as fontes que forneceram respostas adequadas a solução do problema proposto. Para a coleta de dados indexada nos bancos de dados mencionados acima, foram utilizados os presentes descritores: suicídio e adolescência; suicídio e pós-modernidade; psicologia analítica e suicídio; e suicídio de adolescentes e psicologia analítica.

A coleta de dados foi enquadrada nos seguintes passos: 1- Leitura exploratória de todo material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho); 2- Leitura seletiva (leitura mais aprofundada das partes que especificamente interessam) e 3- Registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados e conclusões) (GIL, 2008).

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados, realizou-se uma leitura analítica de todo material com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa. Posteriormente, se efetivou uma análise descritiva das mesmas buscando estabelecer uma compreensão e ampliação do conhecimento sobre o tema pesquisado. Após, buscou-se elaborar a discussão dos dados por meio de categorias que surgiram da etapa anterior, deste modo, fazendo análises e discussões a partir do referencial teórico relativo a temática do estudo, bem como, fazendo conexões com a perspectiva teórica da Psicologia Analítica.

3.5.1 Aspectos Éticos

Almejou-se o comprometimento de citar os autores referenciados e utilizados para este estudo respeitando a Norma Brasileira Regulamentadora 6323 que dispõe sobre os elementos a serem incluídos e orienta a compilações e produção de referências. Os dados coletados foram utilizados exclusivamente com a finalidade científica.

3.5.2 Benefícios e Riscos

Não houve riscos para esta pesquisa, entretanto utilizou-se do rigor científico diante da coleta de dados, na sua análise e interpretação. Quanto aos benefícios, aspirou-se ampliar os horizontes que envolvem o fenômeno do suicídio agregando olhares e perspectivas sob a ótica simbólica dos aportes teóricos da Psicologia Analítica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 O SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE

Como já visto, o suicídio existe desde a época mais remota da humanidade, no entanto sua notoriedade na contemporaneidade tem ganho grande força de expressão pelas altas taxas de morte nas últimas décadas. De acordo com a OMS, mais de 700.000 pessoas morrem por ano devido ao suicídio, o que significa que 1 em cada 100 mortes, é relativa ao suicídio. Entre jovens de 15 a 29 anos, o suicídio aparece como a quarta causa de morte mais recorrente, ficando atrás apenas de acidentes de trânsito, tuberculose e violência interpessoal (MISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Vale ressaltar que na última década o suicídio constitui-se como um problema de saúde pública mundial, alcançando em diversos países a segunda maior taxa de mortalidade entre indivíduos de 15 a 44 anos, sendo a segunda principal causa de morte na faixa etária de 10 a 24 anos (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

O crescente número nas taxas de mortalidade relacionada ao suicídio ano após ano, levou a OMS a mover grandes esforços para auxiliar os países a melhorarem a prevenção ao suicídio e atendimento (OPAS, 2021). Como iniciativa mundial para a prevenção do suicídio, em 1999 a OMS lançou a SUPRE (*Suicide Prevention Program*) e em 2000 publicou o manual “Prevenção do Suicídio: Manual para Professores e Educadores”, no intuito de instruir e fomentar medidas preventivas ao suicídio (PETTER, 2021).

Ainda, conforme a OMS, mediante a intensificação de campanhas, alertas e ações na prevenção ao suicídio, houve uma redução na taxa de mortalidade a nível mundial, mas não nas Américas onde os números continuam crescendo. Entre 2000 e 2019, a taxa global de mortalidade do suicídio diminuiu em 36%, sendo que no mesmo período, nas Américas essa taxa registrou um aumento de 17% (MISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Para Penso e Sena (2020), as taxas mesmo subestimadas são apavorantes, pois para cada suicídio que acontece, ocorre entre 10 a 20 tentativas, sem considerar que a cada morte por suicídio afeta emocionalmente outras 60 pessoas próximas a vítima.

O suicídio é um grave problema de saúde pública com sérios impactos na sociedade. Sua complexidade está envolta ao seu caráter multifatorial e que ainda

assim nem todas as ocorrências são explicadas pelos fatores de risco já conhecidos (PETTER, 2021). Nessa perspectiva, se faz necessário olhar para o fenômeno do suicídio com a amplitude que ele requer, visualizando o adolescente num contexto biopsicossocial que possibilite fechar todas as lacunas não vistas.

Saggese (2021), aponta a adolescência como um período potencializador para criar situações desestabilizadoras da economia psíquica, onde requer definições diversas no âmbito familiar, profissional e sexual, exigindo algumas questões que alguns jovens não têm condições de contornar.

Segundo Papalia e Olds (2010 *apud* SEIBEL, 2019) a adolescência é a passagem do desenvolvimento humano que acarreta importantes alterações físicas, cognitivas e psicossociais que se inter-relacionam.

Stam (2016 *apud* SEIBEL, 2019), explica que ocorre dois processos importantes no cérebro do adolescente: o aumento na produção dos hormônios sexuais e a inibição da massa cinzenta. Esta última ocorre principalmente nos lobos frontais que comandam o planejamento, raciocínio, julgamento, regulação emocional e os impulsos. O cérebro do adolescente está em desenvolvimento e ainda é imaturo, fazendo com que processem a informação diferente do adulto. Eles tendem a fazer uso da amígdala, uma pequena estrutura localizada no lobo temporal que está envolvida nas reações emocionais e instintuais, o que explica em partes os sentimentos se sobressaírem a razão, justificando o comportamento mais impulsivo. Estruturas cerebrais implicadas nas emoções, no julgamento, na arrumação do comportamento e autocontrole que ainda não estão totalmente formadas ajudam a explicar a tendência dos adolescentes aos ímpetos emocionais e ao comportamento de risco e até violentos (STAM, 2016 *apud* SEIBEL, 2019).

Outrossim, Papalia e Olds (2010 *apud* SEIBEL, 2019) acrescentam que o desenvolvimento cognitivo e as operações formais ainda em formação tornam o pensamento do adolescente mais imaturo. Isso representa ações mais rudes, indecisão e comportamento egocêntrico. Essa nova maneira de pensar, que transforma radicalmente o modo como veem a si mesmo e o mundo, é tão estranho para eles quanto a sua nova estrutura corporal.

No âmbito psicossocial, compreende-se que o sujeito se constrói no encontro do indivíduo com o contexto social em um processo dinâmico de afiliação psicossociopolítica (PENSO; SENA, 2020).

O primeiro grupo social do sujeito é a família, onde são estabelecidas as

primeiras relações afetivas, bem com as principais identificações, fazendo dela um contexto fundamental de suporte e identificações. Assim, “a qualidade dos vínculos construídos pelo sujeito e o seu sistema familiar é primordial para o estabelecimento do sentimento de pertencimento e posterior separação possibilitando a construção identitária” (MINUCHIN, 1982; MINUCHIN; LEE; SIMOM, 2008 *apud* PENSO; SENA 2020, p. 65).

Para Senna e Dessen (2012 *apud* MAGNANI; STAUDT, 2018), é na adolescência que o jovem procura apropriar-se do seu papel social construindo a sua identidade. Nesse processo é comum que o jovem adote certas condutas a fim de obter uma maior aceitação social em grupos. Não raro, experimentam novas situações como o uso de droga e o início da vida sexual, favorecendo o aparecimento de dificuldades que geram angústias e uma diversidade de sentimentos. Como a consolidação da identidade é atingida quando o jovem recebe encorajamento e reforços para tal, a família desenvolve um papel preponderante neste processo.

Magnani e Staudt (2018), complementam que o desenvolvimento humano é influenciado pelas relações iniciais estabelecidas e mantidas durante o período de crescimento, e a qualidade destas relações auxilia diretamente o desenvolvimento de capacidades e habilidades emocionais, sociais e adaptativas ao indivíduo, além de promover fatores de proteção.

Pinto *et al.* (2017), enfatiza que a instabilidade intrafamiliar, a pouca proximidade afetiva e histórico familiar de suicídio são fatores contribuintes para o isolamento do adolescente e restrição de uma vida ativa. Não obstante ressalta que a violência doméstica englobando os abusos físicos e psicológicos fomentam uma comunicação inadequada e surgimento de quadros de depressão, os quais são fortes mediadores da ideação suicida e do suicídio consumado.

De acordo com Saggese (2021, p. 6), “as novas gerações de pais liberais pensam que podem evitar que seus filhos passem por todos os percalços pelos quais gerações anteriores passaram”. Existe, no mundo contemporâneo, a exigência suplementar de ser politicamente correto, educar os filhos livres dos preconceitos e limitações que atingiram os pais. O sucesso e bem-estar também são obrigatórios e as crianças devem ser preparadas para alcançá-los. Os adolescentes devem passar incólumes por todos os riscos da descoberta, de um mundo mais vasto do que aquele que conheceram sob a supervisão dos pais.

Cavalheiro (2021) ressalta que fatores familiares como conflitos e separação complicada do par parental, baixo monitoramento dos pais e transtornos mentais no casal parental, são fatores contribuintes que predispõe a criança a comportamentos suicidas.

Além da família, outros grupos sociais são espaços de identificação e construção identitária do adolescente, como a escola e o grupo de pares. Os grupos de pares são fundamentais como suporte identitário, constituindo-se como um importante contexto de inserção ao jovem, pois a vivência grupal é estruturante para o sujeito (PENSO; SENA, 2020).

Ainda conforme Penso e Sena (2020), nesses grupos os adolescentes e jovens experimentam a oportunidade de relacionamentos ancorados no respeito e na confiança mútua, possibilitando a troca de expectativas e experiências de vida e o ensaio de alguns arranjos de enfrentamento de dificuldades e de busca de suportes identitários.

A escola depois da família, é um contexto viável de identificações e suporte identitário que permeará a vida de todos, representando a oportunidade do encontro de um lugar de pertencimento e inserção social (PENSO; SENA, 2020).

Saggese (2021) pontua que a escola como um local separado da família, vai além de um local para aprendizado formal, sendo o primeiro e mais importante espaço para a socialização da criança. A escola é o espaço que permitirá ao aluno se defrontar com diferentes e diversos modos de ser e conviver no mundo, que fomenta a construção de valores morais e sociais, cruciais para sua identidade adulta.

Nos dizeres de Penso e Sena (2020), a escola ao invés de se tornar um espaço de pertencimento, tem se tornado um contexto de indiferença, sofrimento e ausência ou fragilidade dos vínculos, pois se tornou um campo de injunções paradoxais entre competir e cooperar, ser autônomo e repetir o que os professores acham adequado, existir e ser invisível. As autoras apontam ainda que esse contexto tem contribuído para o adoecimento e abandono da escola por parte dos estudantes que em contrapartida não move esforços para manter o adolescente presente.

Kim (2019 *apud* SANTOS, 2021) ressalta que a maior das preocupações que podem levar a ideações suicidas no adolescente, é o desempenho escolar e a carreira profissional, cobranças que são crescentes no decorrer da adolescência.

Petter (2021) destaca que o isolamento social é um fator de risco muito importante a ser destacado, observando que quando o adolescente não tem um sentimento de pertencimento seja dentro da família ou grupo de pares, pode acarretar diversos prejuízos mentais e emocionais. O isolamento social do adolescente está associado a ideação suicida, pois se vê sem apoio e mentalmente vulnerável a fatores negativos (KENNEBECK, BONIN, 2020 *apud* SANTOS, 2021).

Vargas-Medrano (2020 *apud* SANTOS, 2021) aponta que determinados comportamentos são associados ao suicídio em adolescentes, como isolamento, picos de raiva, agressividade e impulsividade, principalmente se relacionado ao *bullying*.

O *bullying* atualmente evidenciado nas escolas, é apontado como causa predominante da depressão e suicídio na adolescência. Está diretamente relacionado ao que se conhece como comportamento suicida, o qual pode incluir uma série de eventos cuja intenção é causar dano a si mesmo, que por fim, pode levar à própria morte (KCZYNSKI, 2014 *apud* PETTER, 2021).

Stelko-Pereira *et al.* (2012), conceitua *bullying* como comportamentos de uma ou mais pessoas intencionais, negativos e repetidos contra outra pessoa que não é capaz de defender-se.

Magnani e Staudt (2018) chamam a atenção para o crescente número de jovens que sofrem *bullying* e o quanto esse fenômeno vem sendo correlacionado ao sofrimento psíquico e suicídio na adolescência. Explicam que a maioria dos adolescentes que sofrem *bullying* ou *cyberbullying*, tendem a sofrer de maior solidão (atribuída à falta de conectividade), que por consequência remete a um fator de vulnerabilidade para ideação suicida.

Para Silva e Borges (2018), o *bullying* é visto como um comportamento que pode se originar nas escolas e que acarreta sérias consequências as vítimas e as famílias, como depressão, baixa autoestima, angústia, isolamento, evasão escolar, autodeflagração, comportamento agressivo, déficit de concentração, prejuízos no processamento socioeducativo e em casos mais graves o suicídio.

Lopes Neto (2011), acrescenta que há muita preocupação na relação entre o *bullying* e os mais diversos problemas psicológicos, de forma que esse tema tem sido objeto de diversos estudos internacionais que o correlacionam diretamente com as intenções suicidas e com o suicídio de adolescentes.

Segundo Fante (2005), a maior parte das vítimas de *bullying* sofrem caladas

por vergonha de se exporem ou ainda por medo de sofrerem represálias de seus agressores, acabando por se tornar reféns de emoções traumáticas e destrutivas como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras consequências que impossibilitam um bom desempenho escolar.

Para Moraes *et al.* (2020), o *bullying* também é um fator de risco para automutilação, pois adolescentes que se tornam alvo de ofensas, humilhação e zombaria experimentam sensações de solidão, rejeição, medo, depressão e raiva, que decorrem como grandes estímulos para a prática da automutilação, como uma tentativa de aliviar a tensão e a dor psíquica. Porém complementa que essa prática acaba funcionando como um mecanismo mal adaptado de enfrentamento ao *bullying*.

Dezan (2021), observa que o termo automutilação não confere com o significado etimológico correto, de forma que a definição mais assertiva para essa prática se refere a autolesão. Assim acrescenta que a autolesão também está associada ao suicídio de adolescentes por se tratar de um estágio presente na ideação suicida que antecede o próprio fim com a morte. No entanto, pondera que o comportamento auto lesivo pode ser compreendido como manifestação de agressividade em que a vítima é o próprio agressor e o fim desejado é somente a lesão, sendo esta a pulsão que move o agir do indivíduo que “não está presente o desejo de morte”, mas que neste sentido, a conduta guarda uma “certa relação entre o próprio corpo e a expressão do sofrimento, e não a intenção de se matar”. Diante desta impossibilidade de colocar em palavras a própria dor, “o ato automutilatório [auto lesivo] se apresenta como um recurso apaziguante” (DEZAN, 2021, p. 107).

Saggese (2021) sob a luz da psicanálise, pontua que o efeito paralisante da dor sobre o aparelho psíquico pode ser o efeito mais imediato do corte. Em outras palavras o efeito da dor produzida pelos cortes na pele é o esvaziamento do eu impedindo o registro da angústia que, ainda que produzida por um excesso pulsional, deve ser registrado por um eu que se encontra paralisado, com sua possibilidade de operação psíquica rebaixada. Complementa que a primeira função dos cortes seria aplacar, com sua dor física, a dor moral difícil de processar, passando a dor de um lugar, para outro.

Dezan (2021) nos coloca que o comportamento autolesivo não é considerado um transtorno mental ou condição médica, mas aparece como sintoma em diversos

transtornos psíquicos.

A presença de transtornos mentais também se perpassa como uma das causas do suicídio em adolescentes. Penso e Pena (2020) informam que entre os pacientes que cometem suicídio, cerca de 90% dos casos, nos países ocidentais, sofrem ao menos de um transtorno psiquiátrico significativo. Descrevem como sendo a depressão grave a causa mais relacionada a ideação suicida entre os jovens, estando diretamente relacionada à forma como se constrói a subjetividade do ser, ao enfrentamento de experiências diversas (como a violência sexual), dificuldades de vincular-se a outras pessoas, abuso de álcool e drogas, além do investimento inconsciente em atividades que colocam a vida em risco (MEDINA; PÉREZ; MEJÍA, 2008; TORO-TOBAR, GRAJALES-GIRALDO; SARMIENTO-LÓPEZ, 2016 *apud* PENSO; PENA, 2020).

Ainda, conforme Penso e Pena (2020, p. 72):

[...] as características clínicas da depressão – como a impulsividade e a agressividade – são potencializadoras de atos suicidas em menores de 30 anos. Uma meta-análise sobre diagnósticos psiquiátricos e suicídio indicou que 87,3% dos sujeitos apresentavam algum diagnóstico psiquiátrico previamente ao suicídio. Em geral, 43,2% apresentavam transtorno de humor, 25,7% transtorno por uso de substâncias diversas, 16,2% diagnóstico de transtorno de personalidade e 9,2% transtornos psicóticos. Ao analisar o pico de suicídios alinhados com episódios depressivos, os autores apresentam uma estatística mais assustadora ainda: 74,4% dos suicídios estavam associados ao primeiro episódio de depressão grave, 18,8% relacionavam-se ao segundo episódio e 6,5% associavam-se a mais de dois episódios.

O suicídio na adolescência não pode ser visto como uma causa única ou um evento isolado, mas sim como um fenômeno complexo e multifatorial. Petter (2021) aponta a impulsividade, desentendimentos com pares, ruptura das relações emocionais, isolamento social, bullying, influência da mídia digital, desempenho escolar ruim, estrutura familiar prejudicada entre outros, como fatores ao comportamento suicida no jovem adolescente. Complementa que esses fatores aliados a vulnerabilidade característica da fase da adolescência, propiciam diversos conflitos internos e externos, como o questionamento da orientação sexual, abuso de substâncias, baixa autoestima, cobranças de desempenho escolar e profissional, que na ausência de um devido amparo e preparo, muitas vezes favorece a eclosão de transtornos psíquicos que contribuem para as causas do suicídio.

A OMS (2006 *apud* MAGNANI; STADUT, 2018), aponta que fatores socioeconômicos e demográficos, além de possuir transtorno mental também funcionam como fatores de risco.

Cardoso e Ceconello (2019) num estudo que analisaram fatores de risco para o comportamento suicida na adolescência, destacam fatores como: características de personalidade, transtornos mentais, doenças físicas e orgânicas, estressores familiares, escolares, psicossociais e socioeconômicos, violência intrafamiliar, comportamentos de risco e fatores psicológicos.

Independente das causas que levam o suicídio em adolescentes, o dado relevante é que as taxas de mortalidade de jovens de 15 a 20 anos triplicou na última década, requerendo da sociedade e dos profissionais da saúde não só um olhar mais criterioso a cerca deste fenômeno, como também, ações efetivas no seu enfrentamento.

4.2 UMA VISÃO DO ADOLESCENTE NO CONTEXTO PÓS-MODERNO E FORMAS DE ADOECIMENTO

Conforme Saggese (2021), ao final do século XX, entramos em um período que muitos teóricos denominaram de pós-moderno. Nele todas as verdades seriam relativas, com incredulidade aos metarrelatos, ou seja, um mercado de crenças contraditórias (LYOTARD, 1993 *apud* SAGGESE, 2021).

Giddens (1991 *apud* SAGGESE, 2021, p.4) refere-se sobre desencaixe para elucidar:

[...] aos deslocamentos das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de intenções indefinidas de tempo e espaço. O processo de individualização sofre acentuada mudança nas sociedades industriais tornando-se uma “compulsão pela fabricação, o autoprojeto e autorrepresentação, não apenas da própria biografia, mas também de seus compromissos e articulações à medida que as fases da vida mudam.

Para Featherstone (1995), a pós-modernidade caracteriza mudanças socioculturais promovidas pelo capitalismo tardio e a emergência da lógica do consumo. Tais mudanças que abrange desde o âmbito artístico, acadêmico e intelectual até práticas e experiências cotidianas relativa aos diferentes grupos sociais, incitaram mudanças na subjetivação e na configuração dos laços sociais.

Caniato e Nascimento (2020) apontam a contemporaneidade como um período de modificações que afetam não só a nossa forma de ser, como nossa maneira de compreender o mundo, abrangendo nossos conceitos, práticas e relações sociais. O panorama sócio cultural contemporâneo em que vivemos, nos auxilia a compreender alguns traços específicos do processo de subjetivação do

adolescente, bem como perceber o modelo de subjetividade que nossa época tende a engessar.

Saggese (2021) questiona se um novo território social interfere no brotar e crescer do adolescente, mas que independente disso, é necessário que se conheça esse território a fim de identificar quem é o jovem da contemporaneidade.

A pós-modernidade marcada por potentes transformações como a globalização e a inovação tecnológica, foi propulsora de novas formas de linguagens e relações, onde a geração digital cresceu em meio a um ambiente onde a vida virtual nada mais é que parte do seu cotidiano (GAMA, 2015)

A globalização da economia gera um clima de perplexidade no mundo atual, onde paralelamente, transformações no modo de produção capitalista e nas políticas estatais tornam o mundo do trabalho mais imprevisível e oscilante, extinguindo o emprego estável e deixando o trabalhador inseguro dos seus meios de sobrevivência (BAUMAN, 1998 *apud* CANIATO; NASCIMENTO, 2020). A globalização que promove a desregulação universal, caracteriza uma economia que passa a ser regida pela competição desenfreada do mercado, sendo desprovida de qualquer lógica previsível (BAUMAN, 1998 *apud* CANIATO; NASCIMENTO, 2020).

Santos *et al.* (2022) aponta que a globalização em consonância a ascensão das redes sociais, promoveu aos recém-saídos da infância uma intermediação por meio de eletrônicos que influenciam diretamente um comportamento que requer conforto e prazer imediato. Explica que isso resulta em uma baixa tolerância a possíveis frustrações, prejudicando o processo de amadurecimento e comprometendo os vínculos com pais, professores e amigos, visto uma mudança de valores e interesses constantes. É nesse sentido que Bauman (2001 *apud* SANTOS *et al.*, 2022) caracteriza a sociedade em que vivemos como líquida, onde prevalece uma fluidez de valores, julgamentos, pensamentos, interesses e sentimentos.

Em consonância a essa mesma ideia, Gonçalves e Nuernberg (2012) ressaltam que a adaptação precoce ao mundo digital dos adolescentes, pode desencadear ainda mais a baixa tolerância a frustrações, tornando-se uma questão desgastante no processo socioemocional desses jovens.

Caniato e Nascimento (2020), pontuam que a globalização seria um dos principais processos que responde por desprovimento de previsibilidade e lógica dos eventos sócio econômicos da contemporaneidade, o que conduz a sensação de perplexidade e impotência diante de si próprios. Por isso ressaltam o termo de

Modernidade líquida utilizada por (BAUMAN, 2001 *apud* CANIATO; NASCIMENTO, 2020), dando fluidez, ao esgarçamento social e à instabilidade das instituições sociais contemporâneas: Estado de bem-estar social, família, relações de trabalho, etc.

Acrescentam ainda que a modernidade líquida de Bauman engloba diversos aspectos englobados em cinco categorias: A desregulação universal que é caracterizada pela prioridade a competição de mercado; a nova ordem mundial caracterizada pela imprevisibilidade da lógica das negociações globais, a lenta dissipação e esquecimento das habilidades sociais caracterizada pela desintegração de redes pessoais de segurança como a família e o agrupamento de classe; o advento da identidade palimpséstica, caracterizada pelo esquecimento de recordações em prol de autoimagens fragmentadas em uma coleção de instantâneos, perpetrado sob a influência da indústria da imagem; e por fim a decadência dos valores éticos, caracterizado pela super competitividade, a “dispersão da autoridade” que conseqüentemente promove a fragilidade de todos os pontos de referência concebíveis, relacionada a dissolução dos laços afetivos, de classe ou de parentesco (CANIATO; NASCIMENTO, 2020).

Tais características da sociedade líquida moderna estabelecem intrincadas relações entre si, fazendo parte de um cenário de retroalimentação mútua, as quais coroam um sentimento esmagador de incerteza, numa atmosfera de medo ambiente, gerando experiências de desamparo e desesperança para os integrantes que nesse contexto vivem (CANIATO; NASCIMENTO, 2020). Assim, viver sob condições de grande incerteza perpétua e autoperpetuante é desalentador, de forma que cada um dos elementos colocados aqui, pertence a um modo de organização econômica, social e cultural, os quais fomenta sofrimentos sociais e psíquicos exacerbando a experiência do desamparo individual (CANIATO; NASCIMENTO, 2020).

Santos et. al (2022) complementa que o homem da época líquida moderna é aquele que vive sem vínculos de relacionamentos e compromissos, sem segurança do que realmente almeja.

Neste sentido, Santos et. al (2022), relatam que os adolescentes são especialmente atingidos pela lógica do consumo, adotando a ideia do analisar e ser analisado pelo que possuem e não pelo que são, onde uma noção de afeto e atenção são comprados. Esse adolescente pós-moderno não possui segurança nem em si nem em suas relações, as quais são denominadas por Bauman (2005 *apud*

SANTOS *et al.*, 2022) de conexões, remetendo a liquidez das relações as quais a prioridade é a quantidade e o acúmulo com superficialidade a fim que possam ter a liberdade de se desligar a qualquer momento.

Penso e Sena (2019), questionam como ficam os suportes identitários onde num mundo de liquidez, que nunca se imobiliza, nem conserva sua forma por muito tempo provocando um fenômeno que combina a falta de garantia (posição e sobrevivência), as incertezas (em relação à própria continuidade e estabilidade futura) e as inseguranças (do corpo, do Eu e de suas posses, comunidade, vizinhança).

Rocha e Garcia (2008), chamam a atenção para um cenário de fragmentação e relativização quanto aos ideais que orientam o comportamento social. A efemeridade, transitoriedade e mobilidade são categorias utilizadas para caracterizar contemporaneidade, a sociedade do consumo e o seu mal-estar, ressaltando a crise de identidade sofrida pelos sujeitos contemporâneos. Desta forma, apontam para a dificuldade que os sujeitos enfrentam para manterem uma identidade estável e durável, impedindo a construção de um projeto de vida. A transitoriedade identitária em conjunto com a mobilidade parece estar em conformidade com o ideal de liberdade propagado como um dos nossos mais preciosos valores, já que manter o fluxo de identidades múltiplas corresponde a liberdade de escolha para mover-se, decidir com quem se relacionar e adotar diferentes estilos relacionados às inúmeras possibilidades de consumo.

Santos *et al.* (2021), observam que o resultado dessas relações líquidas é a incompletude, onde o consumo é imperativo e a busca por conhecimento não tem mais o objetivo de construir uma intelectualidade, mas sim de acumular assuntos incompletos. Observa ainda, que esse sujeito é caracterizado como consumidor de produto e identidade que possui inteira liberdade de utilizar e descartar.

Penso e Sena (2020), complementam que numa era de liquidez, as relações são substituíveis diante da menor dificuldade a ser superada, se configurando em relações utilitaristas. O ser humano se despersonaliza e adquire um regulamento de coisas a serem adquiridas para na sequência serem descartadas. As trocas amorosas são realizadas pela tela, promovendo relacionamentos descartáveis, sem exigência de compromisso efetivo de nenhuma das partes (BAUMAN, 2005 *apud* PENSO; SENA, 2020). Eis que na contemporaneidade emerge um grande paradoxo: viver relações descartáveis desejando ser único e reconhecido.

Nesse contexto, também pode-se pensar na influência das redes sociais, que exercem a função de guiar os sujeitos na fluidez das identidades, a fim de mostrar aquilo que se deve ser, mas sem mencionar que não é possível abranger todas as possibilidades ocasionando constante frustração, inadequação social e problemas psicológicos (BAUMAN, 2005 *apud* SANTOS *et al.*, 2022).

Santos *et al.* (2022), ainda afirmam, que o viver na pós-modernidade que predomina a transferência do que é privado em público, torna-se insustentável quando o “Penso logo existo” é substituído pelo “Sou visto, logo sou”, pois essa insustentabilidade é consequência das dificuldades de manter uma aparência conforme o padrão imposto pela mídia e sociedade.

Para Penso e Sena (2020), a sociedade de consumo impõe o sucesso individual calçado no esgotamento individual, onde o ter se sobressai ao ser, na exigência de se investir constantemente em si mesmo, ou ainda, na tentativa de ter tudo e ser tudo ao mesmo tempo. Pontuam ainda, que as atuais circunstâncias do desenvolvimento da vida mental tem sido afeta pelo *modus operandi* da sociedade contemporânea, pautada na aceleração, no imediatismo, na instantaneidade e na tecnologia (CLAUDINE; HAROCHE, 2015 *apud* PENSO; SENA, 2020).

Segundo Caniato e Nascimento (2020, p. 230), “a instabilidade vivenciada pelo adolescente, bem como a fragilidade de sua estrutura egóica, colocam-no em particular condição de vulnerabilidade em relação a violência psicossocial contemporânea”. Desse modo, mecanismos psíquicos regressivos e estados mentais primitivos, tais como a onipotência, o egocentrismo, a negação da realidade, a concretude do pensamento e passagem direta ao ato tendem a se tornar mais frequentes na manifestação da conduta desse sujeito, devido a uma resposta defensiva deste último em relação a violência vivenciada (CANIATO; NASCIMENTO, 2020).

Levisky acrescenta que:

É durante a adolescência que se tem uma segunda, e grande oportunidade, para se oferecer condições construtivas ou destrutivas ao desenvolvimento da estrutura da personalidade dos jovens a partir da interação com a sociedade da qual fazem parte, e na qual vão buscar seus novos modelos identificatórios. (LEVISKY, 2000, p. 22).

Penso e Sena (2020) explicam que diante de um cenário de aceleração e liquidez, as mudanças sociais, os benefícios, a evolução da sociedade, as novas formas de vinculações, deveres e obrigações, têm provocado sofrimento psíquico em todos, porém particularmente mais aos jovens que, incapazes de lidar com tais

desafios, adotam o suicídio como uma forma de “fuga” da realidade.

A intensa demanda psíquica exigida durante a adolescência, incluindo a elaboração de significativas perdas e ganhos e a integração do passado ao presente psíquico para formação de uma identidade, pode gerar diferentes repercussões sobre o psiquismo, de forma que não há como desconsiderar a força que o meio exerce para formação da subjetividade do adolescente (CANIATO; NASCIMENTO, 2020).

Em uma sociedade baseada no consumo, com relações frágeis, os jovens encontram-se presos em processos desqualificadores e paralisantes, em elevadas exigências de performance e poucas expectativas para o futuro. Assim, são obrigados a “construir suas biografias em um território que não oferece garantias sobre o futuro” (SOUZA; CASTRO, 2014 *apud* PENSO; SENA, 2019, p. 69).

Francisco Assumpção Júnior (2018 *apud* PENSO; SENA, 2020) ressalta que frágeis relações familiares e conseqüentemente, sociais do mundo contemporâneo, exigem dos jovens uma capacidade para lidar com adversidades, frustrações, cobranças e planos futuros dos quais eles não foram preparados para manejar.

O suicídio na adolescência se retrata como um fenômeno que mesmo estando presente no decorrer da história, nunca aumentou tão significativamente com a contribuição, muitas vezes, da insensibilidade e indiferença ética. Dificuldades enrustidas em manter uma aparência conforme o padrão instituído pela mídia e sociedade, gera um sofrimento acionado pela busca do ser, pela própria identidade; e é nesse conflito que fatores comuns podem tornar-se fatores de risco para o suicídio de adolescentes, fatores esses que podem ser imperceptíveis, mas que em sua maioria são perceptíveis, porém invisíveis a pessoas que se tornam cegas e indiferentes a realidade, potencializando a desvalorização do viver (SANTOS *et al.*, 2022).

O processo de construção da identidade é desenvolvido ao longo de toda a vida, porém no espaço da adolescência essa busca se funde às inúmeras transformações, conflitos e dúvidas, de forma que é impulsionada em meio a essa desestruturação, instabilidade e desequilíbrio. No contexto da sociedade pós-moderna que se interessa pela privacidade do outro, mas é intolerante a diferença, do outro, cabe-nos questionar a banalização da subjetividade singularizada, a desautorização do ser e a desistência do viver (SANTOS *et al.*, 2021).

A compreensão de como se estrutura a subjetividade do adolescente

contemporâneo, nos possibilita pensar de forma mais ampliada em ações de enfrentamento para a problemática do suicídio. Penso e Sena (2020), observam que o suicídio não é um ato isolado estando relacionado a uma condição de sofrimento e adoecimento do indivíduo que impotente na resolução desse sofrimento por outras vias, encontra na morte uma única solução. Entretanto, Figel e Bredemeier (2021), apontam que ao tratar o tema da prevenção, faz-se necessário considerar os problemas de maior incidência, sendo nesse caso, o suicídio um problema de Saúde pública de grande relevância e do qual pode ser prevenido.

Os fatores de risco, em companhia das estratégias de prevenção, caminham juntos e são classificados como um modelo de comportamento suicida, ressaltando a oposição dos fatores biológicos como genética, fatores cognitivos e emocionais e ambientais, como situações familiares e sociais adversas, cultura, espiritualidade e trajetória de vida. Por isso as estratégias de prevenção devem basear-se no contexto ambiental do indivíduo, avaliando os fatores de risco para que se tenha uma estratégia de prevenção competente, pois ela só pode ser considerada como tal quando é capaz de amenizar o fator de risco associado (CONDORELLI, 2016; RUFINO *et al.*, 2020 apud SANTOS *et al.*, 2021).

Com adolescentes, após o rastreio criterioso da ideação suicida, deve-se avaliar a necessidade de encaminhamento para a equipe psiquiátrica para uma melhor avaliação da saúde mental considerando todos os riscos. Em caso de o adolescente estar passando por alguma crise aguda devido a pensamentos de extermínio, o foco da intervenção deve ser mantê-lo em segurança, normalmente com um acompanhamento em tempo integral de um familiar ou quem esteja disposto a apoiar e permanecer com o paciente no decorrer da crise até que o risco cesse ou diminua. Importante salientar que quando analisadas as tentativas de suicídio e seus fatores de risco e prevenção, é recomendado a psicoterapia para que seja tratada os transtornos diagnosticados e sejam produzidas estratégias de enfrentamento, de forma que a terapia intensiva se traduz numa ótima opção para estabilização de uma crise, com notáveis resultados a curto, médio e longo prazo (KENNEBECK; BONIN, 2020 apud SANTOS *et al.*, 2021).

Observa-se também, que o tratamento medicamentoso e não medicamentoso para os transtornos diagnosticados deve ser iniciado o mais rápido possível. Delimitar jornais, revistas programas de TV ou qualquer outro meio de comunicação que venha a divulgar notícias de cunho suicida, pode vir a ser necessário devido o

adolescente apresentar mais tendência do que o adulto a imitar o comportamento propagado nessas mídias (SANTOS *et al.*, 2021).

Sob este prisma, a psicologia analítica, mais precisamente na figura de James Hillman expõe um campo teórico para a análise da realidade do suicídio a partir da alma (psique) que apresenta comportamentos multifatoriais. Nesta abordagem, vive-se o convite de adentrar no caminho interior que exige do ser humano determinação, empenho e interpretação do inexplorado (SCHWARZ, 2020). “Portanto, os processos interiores de análise nos levam a busca incessante da verdade e do encontro com o Self, pois nos ensinam o quanto da vida humana se esconde na inconsciência de cada ser individual”. Acredita-se no paradigma junguiano que a alma (psique) é um mistério, cabendo a cada ser escolher caminhar na direção de si mesmo, ou viver na inconsciência, preso a sua própria sombra (SCHWARZ, 2020, p. 14).

4.3 SUICÍDIO E PSICOLOGIA ANALÍTICA: UM OLHAR A PARTIR DE JAMES HILLMAN

Carl Gustav Jung, médico suíço que viveu entre 1875 a 1961, foi o precursor da Psicologia Analítica a partir de divergências de pensamentos com o então médico neurologista Sigmund Freud (1856 – 1939), considerado o “pai da psicanálise” (SOUZA, 2017). Com profundo interesse por ciências naturais e humanas, Jung foi fortemente atraído pela psiquiatria, o que o fez tornar-se médico interno na Clínica Psiquiátrica Burghölzli, em Zurique (SILVA, 2010).

Enquanto trilhava a via acadêmica tradicional, Jung exercitou seu interesse por parapsicologia e psicologia, de forma que, ao doutorar-se em 1902, apresentou a tese “Sobre a Psicologia e a Patologia dos Fenômenos Ditos Ocultos”. Em 1903, Jung estabeleceu o laboratório de psicopatologia experimental em Burghölzli, onde desenvolveu o método de associação de palavras, que contribuía para compreender os sintomas e a origem inconsciente da doença (BAIR, 2006; SILVEIRA, 1997). Aos 30 anos (1905) tornou-se médico efetivo na respectiva Clínica Psiquiátrica e professor de Psiquiatria na Universidade de Zurique (SILVA, 2010).

Jung se interessou pelos estudos de Freud e tal fato o levou a extensas conversas e estudo sobre a psique humana. Mediante a profundidade de seus estudos em psicanálise, Jung se tornou o primeiro presidente da Associação

Psicanalítica onde permaneceu no cargo até 1914, época na qual já apresentava algumas discordâncias de ideias com Freud. No entanto, a ruptura com a psicanálise de Freud se efetiva em 1912, com a publicação de Jung intitulada “Símbolos da Transformação” (SOUZA, 2017). Mediante tais acontecimentos, Jung percebe a necessidade de fundamentar suas próprias teorias, levando-o a estudar diversas áreas do conhecimento que o possibilitam formular conceitos sobre a psique humana (JUNG, 1986 *apud* SOUZA, 2017).

A psicologia Analítica estrutura a psique humana de uma forma particular, segundo Ramos (2002) está subdividida em Consciente, Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo. No Consciente reside o “eu”, que mantém contato com o mundo interior (processos psíquicos, internos) e exterior (meio ambiente, sociedade). No inconsciente Pessoal reside os conteúdos inconscientes derivados da vida do indivíduo, de sua formação pós nascimento. Já no Inconsciente Coletivo reside os arquétipos (núcleos instintivos passados de forma psicobiológica de geração a geração) que trazem padrões de comportamento herdados da humanidade desde seu surgimento.

Jung não apresentava a pretensão de tornar a Psicologia Analítica um padrão a ser seguido e, bem contrário a essa ideia declarou:

Só espero e desejo que ninguém se torne junguiano. Eu não represento nenhuma doutrina, mas descrevo fatos e apresento certos pontos de vista que julgo merecedores de discussão (JUNG, 1976/2002 *apud* SOUZA; CHAGAS, 2018, p. 4).

Em consonância a esse pedido, a psicologia arquetípica se configura como uma abordagem criada a partir da psicologia de C. G. Jung, tendo James Hillman como um de seus expoentes com uma vasta obra que aborda temas diversos, entre eles a morte e o suicídio (SOUZA; CHAGAS, 2018). James Hillman (1926 – 2011) foi um analista “janguiano” que nasceu nos Estados Unidos, porém passou grande parte de sua vida estudando fora dos EUA (SOUZA, 2017).

Hillman e outros junguianos contemporâneos a ele, fundou a psicologia arquetípica em Zurique entre o final da década de 1960 e 1970, a partir da insatisfação de muitos estudiosos do Instituto Jung se manterem repetindo os conceitos e princípios junguianos, ao contrário de apresentarem um olhar crítico (ADAMS, 2002 *apud* SOUZA; CHAGAS, 2018).

Souza (2017) observa que o suicídio atravessa a existência humana e demanda o aprofundamento desta, porém que se trata de um tema tabu e

marginalizado por surgir carregado de interpretações generalistas. Para Hillman “A Lei o considera um crime, a religião um pecado e a sociedade lhe volta as costas” (HILLMAN, 2009, p. 25). Emile Durkheim que é uma referência do tema até os dias atuais, defende que o suicídio é um fato social e um fenômeno que está presente na história da humanidade desde os primórdios, estando presente em toda a sociedade e por isso, faz parte do Homem (DURKHEIN, 2000 *apud* SOUZA, 2017).

O suicídio representa um afrouxamento da estrutura social, um enfraquecimento das relações grupais, uma desintegração do Eu e o Si mesmo, sendo dessa forma entendido como um inimigo declarado da sociedade que deve ser combatido e prevenido. No entanto para Hillman, não é o suicídio a tendência fundamental a ser evitada e sim a influência desintegrada a individualidade que ele estabelece (SCHWARZ, 2020, p. 5).

Schwarz (2020) faz algumas reflexões quando explica que nas abordagens tradicionais, como da medicina psiquiátrica, do direito e da religião, o suicídio deve ser impedido a qualquer custo e a vida salva. Para a medicina, o objetivo central é descobrir e combater a doença, impedir as enfermidades, tratar, medicar e curar sempre que possível, mitigar a dor e tudo que possa promover o bem-estar físico. Os remédios são meios de delinear a ideia de um bom funcionamento fisiológico, de estar atento as condições materiais, de promover e prolongar a vida. Para a psicologia, sua principal função é garantir a saúde da alma, de forma que seus padrões de julgamento estão direcionados a vida psicológica e assim, também garantir a vida física. Considera-se que o tratamento não responderá somente no corpo, mas na psique, cristalizando corpo e alma de maneiras diferentes (SCHWARZ, 2020).

Para Hillman (2009), a questão não é saber se somos pró ou contra o suicídio, mas o que ele significa a alma. O suicídio não deve ser apenas visto como uma saída da vida, mas de forma simbólica, uma entrada na alma, entendendo que o que a alma busca através das tentativas de suicídio pode ser um chamado a dar um novo significado à vida.

Coutinho (2019) pontua que Jung propõe uma ótica diferente no que diz respeito aos processos psicopatológicos. Para a medicina o estudo das patologias é sempre feito a partir da normalidade do indivíduo, gerando uma dificuldade de se compreender a relação existente entre os processos fisiológicos e psíquicos. Desta forma, os sintomas psiquiátricos são frequentemente reduzidos à dimensão patológica, promovendo uma “patologização exagerada e, defensiva, dos fenômenos psíquicos e sua superdimensão” (BYINGTON, 2007).

Coutinho (2019), complementa que na visão Junguiana, sintoma é toda perturbação a consciência, provocada por certa quantidade de energia presente no inconsciente, de forma que essa energia precisa retornar porque ela é fundamental para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido, os sintomas tentarão se manifestar através de sonhos, reações psicossomáticas ou patologias. Sendo assim, para Jung os sintomas se assemelham mais a uma tentativa de regulação da psique, do que necessariamente um “mal a ser combatido” (GRINBERG, 2003).

Jung (1971/2000, p. 356), ao discorrer sobre a psicologia analítica, elucida que:

A vida é um processo energético, como qualquer outro, mas, em princípio, todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo. É este objetivo é o estado de repouso. No fundo, todo processo nada mais é do que, por assim dizer, a perturbação inicial de um estado de repouso perpétuo que procura restabelecer-se sempre. A vida é teleológica par excellence [sic], é a própria persecução de um determinado fim, e o organismo nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar. O termo de cada processo é o seu objetivo. Todo processo energético se assemelha a um corredor que procura alcançar sua meta com o máximo esforço e o maior dispêndio possível de forças.

Entende-se que a meta da vida é a morte, no que se refere a um ciclo que passa por crescimento, expansão e amadurecimento. A psicologia Analítica, volta-se em direção a atenção das fantasias e desejos do ser humano em relação à morte como algo necessário à sua natureza e ao seu processo de individuação (HILLMAN, 2009).

Coutinho (2019) sinaliza que as psicopatologias eclodem impulsionadas pelo processo de individuação, de forma que o estudo dos sintomas e psicopatologias concede a compreensão de que atitude do ego o inconsciente está tentando compensar, sinalizando para qual direção o processo de individuação do sujeito está apontando. Entende-se por individuação como a “realização da totalidade individual, com a integração de todos os aspectos da nossa personalidade” (GRINBERG, 2003, p. 176).

Souza e Chagas (2018, p. 11), ressaltam:

A prática clínica embasada na psicologia arquetípica, dispõe-se ao diálogo, nunca a ignorar ou a calar o sintoma. Quando algo se faz presente, e que causando incômodo, acredita-se que se trata de um tema que estava sendo ignorado de alguma forma. Diferente de práticas que focam no sintoma, a psicologia arquetípica se dispõe a focar no fenômeno, ou seja, ficar com a imagem.

De forma mais clara, a depressão por exemplo, pode ser interpretada

enquanto um sintoma frente a um processo de individuação que precisa ser retomado, de forma que se perpasse como uma possibilidade de buscar a si mesmo, implicando em confrontar-se com aquilo que muitas vezes se apresenta como devastador. No entanto, somente a real assimilação é capaz de permitir o pleno desenvolvimento humano (COUTINHO, 2019).

Para Byington (2007), de forma análoga, aponta que a reação sensorial da dor é o que desperta a nossa atenção para algo que não está bem e que ao anestesiá-la, perde-se a oportunidade de descobrir suas causas e lidar de forma assertiva com ela. Então, nesse caso, a depressão seria a dor e eliminar esse sintoma seria um desperdício de potencial frente a um processo de desenvolvimento (COUTINHO, 2019).

Schwarz (2020), observa que as investigações culturais apresentam diferentes variações de atitudes relacionadas ao suicídio, alterando conforme o seu período histórico, filosófico e cultural. Para Hillman (2009), o suicídio se classifica em três diferentes formas: o suicídio simbólico, o suicídio emocional e o suicídio intelectual. O suicídio simbólico se caracteriza por um caráter compulsivo, obsessivo, no qual o sujeito se vê na obrigação de encontrar sua morte simbólica. São suicídios realizados de forma excêntrica e em público. Já o suicídio emocional é caracterizado pelo domínio de alguma forte emoção, como vingança, fúria contra frustrações, paixão avassaladora, humilhação por ruína financeira, vergonha de exposição pública, culpa e consciência de terror ansioso, abandono, pesar, apatia e inutilidade, melancolia pelo envelhecimento, desespero embriagador e fracasso, especialmente no amor. Se configura como um grito suicida de socorro, a necessidade de matar e ser morto ou ainda a união delinquente de amor-morte e autoimolação. O suicídio intelectual se caracteriza por uma lealdade a uma causa, a um princípio ou a um grupo (HILLMAN, 2009).

No entanto, Schwarz (2020) afirma que para a psicologia analítica, o objetivo maior é a compreensão do ser humano, sem jamais classificá-lo ou categorizá-lo. Portanto, as experiências e sofrimentos são termos associados a alma (HILLMAN, 2009).

Jung ressalva que a alma está entre o corpo e a mente. Hillman aponta que a alma é o lugar onde as imagens são geradas e organizadas e parte do princípio que esse é o ponto de principal interesse da psicologia arquetípica. Fazer alma é o modo de se relacionar com as coisas, é observar o fenômeno no qual as imagens se

animam no presente momento (SOUZA; CHAGAS, 2018). A atenção em nossa relação com os fenômenos, é o movimento da análise na perspectiva Arquetípica (SOUZA, 2017).

Souza (2017), esclarece o significado de alma conforme o conceito de Hilmann (2010, p. 27-28):

Por alma entendo, antes de mais nada, uma perspectiva em vez de uma substância, uma perspectiva sobre as coisas em vez de uma coisa em si. Essa perspectiva é reflexiva; ela media os eventos e faz diferenças entre nós e tudo aquilo que acontece. Entre nós e os eventos, entre aquele que faz e o que é feito há um momento reflexivo – e o cultivo da alma significa diferenciar esse chão intermediário. [...] comecei a usar o termo de forma razoavelmente livre, frequentemente de forma intercambiável com psique (do grego) e anima (do latim). Agora estou adicionando três modificações necessárias. Primeiro, “alma” refere-se ao aprofundamento dos eventos em experiências; segundo o significado que a alma torna possível, seja no amor ou nas questões religiosas, deriva-se de sua particular relação com a morte. E, terceiro, por “alma” refiro-me à possibilidade imaginativa em nossa natureza, o experimentar através da especulação reflexiva, do sonho, da imagem e da fantasia – aquele modo que reconhece todas as realidades como primeiramente simbólicas ou metafóricas.

Schwarz (2020), elucida que para entendermos a alma, devemos percebê-la como comportamentos que tem significado interior sofrido e experimentado. Nessa concepção, não nos cabe perceber a alma como um conceito e sim como um símbolo, fora do nosso controle e que seja o que for que esteja ocorrendo, a compreensão do suicídio nunca será um fenômeno coletivo e sim um conhecimento íntimo, compreendido pelo lado de dentro. Complementa que esse entendimento está ligado ao centro da alma, ao profundo, ao logos da psique.

Para compreender uma autodestruição, precisamos saber que fantasia mítica está sendo encenada. A oposição vem igualmente do interior. O suicídio é incompreensível, o homem comum tem pouca compreensão de suas ações, pois aquilo que está inconscientemente em nós parece vir de fora. “Estar dentro e fora, ao mesmo tempo, significa envolver e se articular a psicologia de outra pessoa” (SCHWARZ, 2020, p. 8). Estar presente no aqui e agora, como propósito de vida, precisa se relacionar com a realidade absoluta, onde se faz necessário ter coragem para enfrentar as aprovações da vida e adentrar no desconhecido. Muitas vezes, a ideia de morte surge como uma finalidade de dar lugar a transformação. A força criativa mata ao produzir o novo e alguma coisa precisa ceder (HILMANN, 1993).

Souza (2017), observa que no processo psicoterapêutico também implica um morrer e isso obviamente assusta aos que procuram por esse recurso, porque é o momento no qual surge a resistência daquilo que está protegido. No entanto,

quando essa resistência é trabalhada corretamente, torna-se possível a “morte” por meio da terapia, organizando-se como um movimento natural do desejo de transformação, onde algo precisa deixar de existir para dar lugar ao novo (HILLMAN, 2009).

Schwarz (2020), descreve o conceito de suicídio para Hillman:

[...] o suicídio é uma tentativa de mudar de uma esfera para outra à força através da morte. Esse movimento para outro aspecto da realidade pode ser formulado por aqueles opostos básicos chamados corpo e alma, fora e dentro, atividade e passividade, matéria e espírito, aqui e além, que são simbolizados pela vida e morte. A agonia do suicídio representa a batalha da alma contra o paradoxo de todos esses opostos. A decisão suicida é uma escolha entre essas contradições que parecem impossíveis de serem reconciliadas. Uma vez feita a escolha, a ambivalência é superada (HILLMAN, 1993, p. 83).

Para Schwarz (2020), a ameaça suicida é antes de qualquer coisa, uma confusão do interior com o exterior, de forma que o sofrimento ocorre quando misturamos a realidade psíquica com pessoas e fatos concretos, acabando assim por distorcer a própria realidade. A meta da vida é chegar até a morte para a partir daí, investigando eventos inconscientes, conduzi-los e realiza-los conscientemente. Os conteúdos reprimidos exigem luta contra escuridão, e curar significa tratar e encontrar a fonte de cura em si mesmo (HILLMAN, 1993).

Estudar, buscar as causas e mecanismos da doença, significa originalmente adentrar no sofrimento do sujeito, na sua queixa e determinantes para tal. O sofrimento, a patologia e a dor, fazem parte da condição humana e hoje sabemos que o sofrimento precede a dor e é a psique que conduz os eventos fisiológicos em sensações dolorosas, necessário para o aumento da consciência e desenvolvimento da personalidade (SCHAWARZ, 2020).

Neste sentido de transformação, busca de si mesmo, contato com o self (centro totalizador da psique), pode-se observar que para Hillman a sílaba “re” é a mais importante e a mais presente no trabalho da psicoterapia, ou seja, ela está presente em: lembrar, retornar, rever, refletir, reconhecer, responder, reagir, repetir, remorso, religar, respeitar e etc. (SOUZA; CHAGAS, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se esclarecer os fatores que culminam numa crescente taxa de suicídios na adolescência, sob a ótica da psicologia Analítica, procurando analisar o contexto sociocultural da contemporaneidade, considerando o sujeito como um ser social, influenciado pelo seu contexto. Dessa forma, foram apresentadas as características do período pós-moderno, bem como, a sua influência para a formação de modelos identificatórios aos adolescentes, formadores de suas identidades e subjetividades. Também, foi possível apresentar os índices de suicídio entre adolescentes na última década além de explicar fatores de risco a ideação suicida e outros indicativos relevantes para o sofrimento e adoecimento psíquico desses sujeitos.

Claramente determinado como um problema de Saúde Pública, devido ao aumento significativo nas taxas de mortalidade na última década, o tema suicídio parece fazer um apelo de sair do tabu histórico que lhe foi concedido para ser visto como um fenômeno que mediante a sua complexidade necessita de conhecimento e compreensão.

Os desafios apresentados pela contemporaneidade não se dirigem apenas aos adolescentes, mas a toda sociedade em comum. A era da tecnologia altamente volátil trouxe seus benefícios e facilidades, mas, também, agregou mudanças significativas no *modus operandi* de viver. A tecnologia que promoveu uma melhor comunicação, também foi a que afastou as pessoas, onde cada qual “no seu quadrado”, ampliou o contato via tela e reduziu o contato pessoal, o olhar, o toque, o afeto. Os adolescentes nascidos tecnológicos, parecem migrar de um mundo real para um mundo virtual, configurando um novo padrão de relações as quais sem qualquer exigência de comprometimento, se fragilizam, se evaporam com rapidez.

A era da liquidez, do consumo, da instantaneidade, da aceleração e da automatização pouco tem contribuído para uma vivência consciente, para uma busca de si mesmo, estabelecendo na fuga e no imediatismo das medicações soluções mágicas. O que reverbera parece ser um sentimento de incompletude. Não seriam esses os fatores desencadeadores do sofrimento psíquico? Um sentimento de vazio e falta de pertencimento? Que tipo de subjetividade é criada a partir do momento em que você não se sente pertencente a nada nem a ninguém? Relações

frágeis...trocas frágeis. Trocas frágeis.... uma incompletude, um vazio.

Em meio a esse contexto metaforicamente pandêmico, a Psicologia Analítica vem propor um novo olhar a esses “sintomas”. Um olhar muito mais prospectivo e positivista do que fatalista ao suicídio. Este último, tem produzido nos adolescentes contemporâneos uma fuga desesperadora para estancar seus sofrimentos, que aos seus olhos, não é visto, não é compreendido. A Psicologia Analítica convida em primeira mão o acolhimento, o não julgamento, o natural, o ressignificar, o recomeçar, o reconstruir, partindo do princípio de que entrar em contato com o simbolismo da morte não é o fim, mas uma possibilidade de mudança, de transformação, de melhora. Essa abordagem estende o convite ao conhecer-se a si mesmo, ao desacelerar, a encontrar as verdades interiores que mesmo provocando dor, quando encaradas, trazendo luz e consciência a sombra promovem libertação. Aponta que é possível sim criarmos vínculos verdadeiros, vínculos afetivos saudáveis, mas a partir do momento que o primeiro vínculo seja conosco mesmos. Para isso, Jung nos aponta: “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta!”.

O suicídio como um grave problema de saúde pública, súplica que olhemos para ele com a profundidade que o compete. Esse estudo não visou trazer soluções a essa problemática, mas sim chamar a atenção a cerca de um fenômeno que mediante a sua complexidade e diversidade, requer estudos futuros com avanço em pesquisas e constantes buscas para sua compreensão.

“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”

JUNG, Carl Gustav.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ARAÚJO, E. S.; BICALHO, P. P. G. de. Suicídio: crime, pecado, estatística, punição. **Revista de Psicologia da Imed**, [s. l], v. 4, n. 2, p. 723-734, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5155043>>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- BAIR, D. **Jung: uma biografia**. Tradução de Helena Londres. São Paulo: Globo, 2006. (Vol. 1).
- BARRETO, M. H. **Imaginação Simbólica**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRAGA, L. de L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic.**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BYINGTON, C. A. B. A Depressão Normal e o Futuro da Civilização. *In: Congresso venezuelano de psicoterapia*, Caracas, 1-18, 2007.
- CAMUS, A. **Mito de Sísifo: Ensaio sobre o Absurdo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. do. *Adolescência e Pós-Modernidade: Considerações acerca dos processos de subjetivação no mundo atual*. **Revista Científica do UniRios, Bahia**, v. 2, n. 28, 2020. Disponível em: <<https://www.unirios.edu.br/revistarios/internas/conteudo/resumo.php?id=570>>. Acesso em: 29 out. 2022.
- CARDOSO, A. S.; CECCONELLO, A. M. Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência: uma revisão de literatura. **Perspectiva: Ciência e Saúde**, Osório, V. 4 (2): 101-117, Dez 2019. Disponível em: <<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/432/311>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- CAVALHEIRO, J. Z. de C. Considerações Sobre Tentativa de Suicídio e Suicídio Completo em Crianças. *In: SCAVACINI, K.; SILVA, D. R. (Orgs.). Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências*. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2021. p. 77-91.

CORREA, H.; BARRERO, S. P. O suicídio ao longo dos tempos. In H. Correa, & S. P. Barrero (Orgs.), **Suicídio uma morte evitável** (pp. 3-10). São Paulo, Atheneu, 2006.

COUTINHO, L. A. Depressão e Suicídio: uma perspectiva analítica. **Revista Esfera Acadêmica Humanas (ISSN 2526-1339)**, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/02/revista-esfera-humanas-v04-n01-artigo06.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, P. **Pesquisa: Princípios científicos e educativos**. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.

DEZAN, M. F. L. O Protagonismo da Dor no Comportamento Autolesivo na Adolescência. In: SCAVACINI, K.; SILVA, D. R. (Orgs.). **Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências**. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2021. p. 105-129.

DURKHEIM, E. **O Suicídio Um Estudo Sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. -- 2. ed. -- São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus, 2005.

FEATHERSTONE, M. **Cultura do consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGEL, F. C.; BREDEMEIER, J. Ambientes Nutridores como modalidade de Prevenção Universal do Suicídio. In: SCAVACINI, Karen; SILVA, Daniela Reis (Orgs.). **Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências**. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2021. p. 14-35.

FONAPRACE. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **V Pesquisa nacional de perfil Socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFEs**. Brasília: 2019.

GALLATIN, J. **Adolescência e Individualidade**. São Paulo: Harbra, 1978.

GAMA, M. A. C. Riscos à saúde da criança e adolescente no mundo digital. 20 de março de 2015, ano 3 – nº 24. **Boletim Científico Online**. Disponível em: <<http://blog.smp.org.br/riscos-saude-no-mundo-digital/>>. Acesso em: 30 out. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, B. G.; NUERNBERG, D. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Volume 46, Número 1, p.165-182, Abril de 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2012v46n1p165/23109>>. Acesso em: 30 out. 2022.

GRINBERG, L. P. **Jung: o homem criativo**. 2ª edição. São Paulo: FTD, 2003.

HANNAH, B. **Jung: Vida e Obra – uma memória biográfica**. São Paulo: Artmed, 2003.

HILLMAN, J. **Concerning the Stone: Alchemical Images of the Goal**. Sphinx 5. London: Convivium for Archetypal Studies, 1993.

HILLMAN, J. **Suicídio e Alma**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HILLMAN, J. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HILLMAN, J. **Suicídio e Alma**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2014.

ISAYAMA, H. F. Um olhar sobre a formação profissional no lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 11-19, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1498>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

JUNG, C.G. A alma e a morte. *In: A natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Trabalho original publicado em 1971).

JUNG, C.G. **A Energia Psíquica**. 8ª ed. corrigida. Petrópolis, Editora Vozes, 2002. (Obras Completas, vol. VIII/1).

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. (Vol. 7/2) Tradução de Dora Ferreira da Silva. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1971/1990.

JUNG, C. G. **Letters, Volume 1: 1906 – 1950**. New York, NY – USA: Routledge – Taylor & Francis Group, 2015. p. 33.

JUNG, C. G. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur**. (L. Richter, Trad.). Petrópolis: Vozes, 2014. (Trabalho original publicado em 1999).

KAST, V. **Jung e a Psicologia profunda: um guia de orientação prática**. São Paulo: Cultrix, 2019.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e imprensa**. Tradução de Juremir Machado as Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOUZÃ NETO. M. R. *et al.* **Psiquiatria básica**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MAGNANI, R. M.; STAUDT, A. C. P. Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 75-86, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 out. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, G. A.; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MCLYNN, F. **Carl Gustav Jung – Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MEIJERINK, H. J. **Transição: a mudança do velho para o novo - o que isso faz com você?** 2011. Elaborado por Centro para Liderança Horizontal. Disponível em: <https://febrapdp.org.br/download/publicacoes/Mudancas_e_Transicoes.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

MEYROWITZ, J. Global Permeabilities. *In*: LARRETA, E. R. (org.). **Media and Social Perception**. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM, 1999, pp.423-441.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS**. Gov.br, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>>. Acesso em: 10 set. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio: saber agir e prevenir. Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e na Rede de Saúde. Boletim Epidemiológico**, 48(30), 2017. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/boletimepidemiologico-no-30-perfil-epidemiologico/>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio. A sociedade ocidental diante da morte voluntária**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MORAES, D. X. *et al.* "Caneta é a lâmina, minha pele o papel": fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Rev Bras Enferm**. 2020; 73 (Supl 1): e20200578. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 out. 2022.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A Passagem Interna da Modernidade para a Pós-modernidade. **Psicologia: Ciência e profissão**, [s. l], v. 24, n. 1, p. 82-93, 2004. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/JHkcSPfBDSwtzWxXf4xV5Kv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 maio 2022.

OLIVEIRA, S. R. de. O suicídio e os apelos da alma: reflexões sobre o suicídio na clínica junguiana com pacientes adolescentes. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 103-110, 2012. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/15.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.

OPAS. **Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 30 set. 2022.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 800 p.

PENNA, E. M. D.; ARAÚJO, F. R. R. S. Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 167-178, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100010>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 35, n. 01, p. 61–81, 2020. DOI: 10.1590/s0102-6992-202035010004. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/27470>>. Acesso em: 9 out. 2022.

STELKO-PEREIRA, A. C. *et al.*; Um livro a se debater: Bullying: mentes perigosas nas escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 197-202, abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2022.

PETTER, A. Suicídio na Adolescência e os Contextos Sociais Envolvidos: Uma Revisão Narrativa. *In*: SCAVACINI, K.; SILVA, D. R. (Orgs.). **Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências**. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2021. p. 92-104.

PINTO, L. L. T. *et al.* Tendência de mortalidade por lesões autoprovocadas intencionalmente no Brasil no período de 2004 a 2014. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. 2017, v. 66, n. 4, pp. 203-210. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000172>. Acesso em: 20 out. 2022.

PONDÉ, L. F. C. E. S. **Crítica da Razão Triste**. Episteme, Porto Alegre, p. 129-143, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo -ASPEUR Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E->

[book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf](#)>. Acesso em: 30 maio 2022.

RAMOS, L. M. A. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. **Educação Temática Digital**, [s. l], v. 5, n. 1, p. 110-144, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

RIBEIRO, D. M. Suicídio: critérios científicos e legais da análise. **Jus Navigandi**, [s. l], p. 1-30, 03 set. 2004. Disponível em: <<https://vitalere.com.br/download/suicidio-criterios-cientificos-e-legais-de-analise.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

RIOS, E. Z.; DOS SANTOS, A. B. **A pós-modernidade: debates e reflexões**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 08, Vol. 09, pp. 66-73, Ago.de 2018. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/pos-modernidade>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2008, 28 (3), 622-63. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/4MWmV3fD7gXkYhTmvzSN4mw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ROSSETTI, M. L. O tempo presente: diálogo sobre a pós-modernidade. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 207-215, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/P.2236-0603.2016v6n11p207/11822>>. Acesso em: 06 maio 2022.

SAGGESE, E. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolescer ou adoecer. **Educação & Realidade**. 2021, v. 46, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236109166>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTANA, K. S.; ROCHA, S. T. S. Suicídio na Voz dos Profissionais de Saúde: Uma Compreensão Fenomenológica. **Psicologia em Foco**, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.piodecimo.edu.br/online/index.php>>. Acesso em: 27 out. 2016.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, T. B. *et al.* Fatores comuns associados ao suicídio na adolescência no contexto pós moderno. **Monumenta - Revista De Estudos Interdisciplinares**, 2(4), 68-93, 2022. Disponível em: <<https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/93>>. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, L. V. *et al.* Prevenção e fatores relacionados à ideação suicida em adolescentes nas entrelinhas de uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 13(9), e8112, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8112>. Acesso em: 30 out. 2022.

SCHLICHTING, C. A.; MORAES, M. C. L. Mortalidade por suicídio na adolescência: uma revisão. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, [s. l], v. 1, p. 357-363, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4979/497955551012/497955551012.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SCHWARZ, L. O Conceito de Suicídio em James Hillmann. **Revista Psicologia & Saberes**. v. 9, n. 18, 2020. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1182/952>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SENA, T. S.; FRANCO, A. O suicídio no atendimento clínico junguiano. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [s. l], v. 6, n. 3, p. 221-225, 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1566>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SIEBEL, M. T. A Influência das redes sociais para o suicídio na adolescência. **Revista Ciência (In) Cena**. On-line ISSN 2317-0816. Vol. 1 No. 8 Salvador. Bahia. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/viewFile/6726/pdf6726>>. Acesso em: 30 out. 2022.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. Bullying nas Escolas. **Direito & Realidade**, v.6, n.5, p.27-40, 2018. Disponível em: <<file:///home/chronos/u94f2110730322784930d93634e79700c8cb25c32/MyFiles/Downloads/1279-4685-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVA, M. G. V. da. O Contributo de Carl Gustav Jung. **Psicologia. Pt – O Portal dos Psicólogos**, p. 1-11, 2010. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0259.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SILVEIRA, N. da. **Jung – Vida & Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SOUZA, H. M. Suicídio e Psicologia Arquetípica. In: ZANLUQUI, L. V.; SEI, M. B. (Orgs.). **Suicídio: já parou para pensar?** Londrina: UEL, 2017. p. 88-113.

SOUZA, H. M. de; CHAGAS, L. F. Abordagem Clínica dos Temas “Morte” e “Suicídio” na Perspectiva da Psicologia Arquetípica. **Self – Rev. Inst. Junguiano**. São Paulo, 2018; 3:e6. Disponível em: <<https://self.ijusp.org.br/self/article/view/26/145>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SOUZA, M. B. de. **Sombra e persona na Psicologia Junguiana**. 2020. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9074/TCC%20Marcos%20Brulio%20de%20Souza.pdf?sequence>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

STEIN, M. O pai devorador. In: DOWNING, C. (org.). **Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998. Cap. 12. Disponível em:

<https://www.academia.edu/40038365/Espelhos_do_Self_Christine_Downing>. Acesso em: 11 maio 2022.

STRIEDER, C. M. **Adolescência: percurso entre a criança amada e o adulto reconhecido.** 2019. Disponível em: <<https://www.ijep.com.br/artigos/show/adolescencia-percurso-entre-a-crianca-amada-e-o-adulto-reconhecido>>. Acesso em: 20 maio 2022.

TORO, G. V. R. *et al.* O desejo de partir: um estudo a respeito da tentativa de suicídio. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 407-421, dez. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n3/v19n3a06.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

TRENTINI, M.; PAIM, L. Pesquisa em Enfermagem: Uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VENCO, S.; BARRETO, M. O sentido social do suicídio no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico**, [s. l.], v. 9, n. 108, p. 1-8, maio 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10032>>. Acesso em: 15 maio 2022.

WERLANG, B. S. G. Autópsia Psicológica, importante estratégia de avaliação retrospectiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 17, n. 8, p. 1955-1957, ago. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9VvMztDcc7MZW6sfcw7YqyS/?lang=pt>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

WERLANG, B. S. G. **"Proposta de uma entrevista semiestruturada para autópsia psicológica em casos de suicídio"**. Campinas, SP, s.n., 2000. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. 347p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. Geneve. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

ZYGMUNT, B. **O que é pós-modernidade?** 2015. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aCdUuQycl6Q>>. Acesso em: 28 maio 2022.

REFERÊNCIAS ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. do. *Adolescência e Pós-Modernidade: Considerações acerca dos processos de subjetivação no mundo atual*. **Revista Científica do UniRios**, Bahia, v. 2, n. 28, 2020. Disponível em: <<https://www.unirios.edu.br/revistarios/internas/conteudo/resumo.php?id=570>>. Acesso em: 29 out. 2022.

CARDOSO, A. S.; CECCONELLO, A. M. Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência: uma revisão de literatura. **Perspectiva: Ciência e Saúde**, Osório, V. 4 (2): 101-117, Dez 2019. Disponível em: <<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/432/311>>. Acesso em: 27 out. 2022.

COUTINHO, L. A. Depressão e Suicídio: uma perspectiva analítica. **Revista Esfera Acadêmica Humanas (ISSN 2526-1339)**, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/02/revista-esfera-humanas-v04-n01-artigo06.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

GAMA, M. A. C. Riscos à saúde da criança e adolescente no mundo digital. **20 de março de 2015, ano 3 – nº 24. Boletim Científico Online**. Disponível em: <<http://blog.smp.org.br/riscos-saude-no-mundo-digital/>>. Acesso em: 30 out. 2022.

MAGNANI, R. M.; STAUDT, A. C. P. Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 75-86, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 out. 2022.

MORAES, D. X. *et al.* "Caneta é a lâmina, minha pele o papel": fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Rev Bras Enferm.** 2020; 73 (Supl 1): e20200578. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 out. 2022.

PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 35, n. 01, p. 61–81, 2020. DOI: 10.1590/s0102-6992-202035010004. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/27470>>. Acesso em: 9 out. 2022.

STELKO-PEREIRA, A. C. *et al.*; Um livro a se debater: Bullying: mentes perigosas nas escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 197-202, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2022.

PETTER, A. Suicídio na Adolescência e os Contextos Sociais Envolvidos: Uma Revisão Narrativa. *In*: SCAVACINI, K.; SILVA, D. R. (Orgs.). **Atualizações em**

Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências. São Paulo: Instituto Vita Alere, 2021. p. 92-104.

ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2008, 28 (3), 622-63. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/4MWmV3fD7gxkYhTmvzSN4mw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SAGGESE, E. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer. **Educação & Realidade**. 2021, v. 46, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236109166>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, T. B. *et al.* Fatores comuns associados ao suicídio na adolescência no contexto pós moderno. **Monumenta - Revista De Estudos Interdisciplinares**, 2(4), 68-93, 2022. Disponível em: <<https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/93>>. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, L. V. *et al.* Prevenção e fatores relacionados à ideação suicida em adolescentes nas entrelinhas de uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 13(9), e8112, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8112>. Acesso em: 30 out. 2022.

SCHWARZ, L. O Conceito de Suicídio em James Hilmann. **Revista Psicologia & Saberes**. v. 9, n. 18, 2020. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1182/952>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SIEBEL, M. T. A Influência das redes sociais para o suicídio na adolescência. **Revista Ciência (In) Cena**. On-line ISSN 2317-0816. Vol. 1 No. 8 Salvador. Bahia. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/viewFile/6726/pdf6726>>. Acesso em: 30 out. 2022.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. Bullying nas Escolas. **Direito & Realidade**, v.6, n.5, p.27-40, 2018. Disponível em: <<file:///home/chronos/u94f2110730322784930d93634e79700c8cb25c32/MyFiles/Downloads/1279-4685-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2022.

SOUZA, H. M. Suicídio e Psicologia Arquetípica. *In*: ZANLUQUI, L. V.; SEI, M. B. (Orgs.). **Suicídio: já parou para pensar?** Londrina: UEL, 2017. p. 88-113.

SOUZA, H. M. de; CHAGAS, L. F. Abordagem Clínica dos Temas “Morte” e “Suicídio” na Perspectiva da Psicologia Arquetípica. **Self – Rev. Inst. Junguiano**. São Paulo, 2018; 3:e6. Disponível em: <<https://self.ijusp.org.br/self/article/view/26/145>>. Acesso em: 01 nov. 2022.